

PRIMEIRA impressão

DESDE 1996



JORNAL-LABORATÓRIO DO QUARTO ANO DE JORNALISMO DA FACULDADE DE ARTES E COMUNICAÇÃO DA UNISANTA

ANO XVII - N° 129 - MARÇO/2012 - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA - SANTOS (SP)

FaAC

Faculdade de Artes e Comunicação



Um século de glórias

O maior time de todos os tempos



Em pé da esquerda para direita: Lima, Zito, Dalmo, Calvet, Gilmar e Mauro. Agachados da esquerda para direita: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe

Desafios para o jornalismo



Durante aula magna aos alunos do curso de Jornalismo da UNISANTA, o editor de esportes do Grupo Estado, Luiz Antônio Prósperi, enfatizou as potencialidades que surgirão na profissão com o advento da Copa do Mundo em 2014 e das Olimpíadas, em 2016. As novidades tecnológicas também abrirão espaço para o surgimento de novas mídias para o público, que terá mais opções para acompanhar as notícias.

Passado e presente de glórias

Futebol-arte, craques construídos em casa e reconhecimento internacional. Este é o centenário santista

ISABELLA PASCHOAL

O Esporte Clube Americano, que possuía estudantes como a maioria de seu elenco, foi transferido para São Paulo. O Clube Atlético Internacional teve suas atividades encerradas. O ano de 1912 poderia ter sido um ano de grande perda na área esportiva para a cidade de Santos.

Por conta do fechamento desses clubes, três esportistas decidiram criar um grêmio em que atletas pudessem praticar o esporte “bretão”. O grande mentor, Francisco Raymundo Marques, conhecido como Nhonhô Marques, Mário Ferraz de Campos e Argemiro de Souza Júnior convocaram uma assembleia na sede do Concórdia, extinto clube que ficava na rua João Pessoa, no Centro. Vários nomes foram sugeridos para a nova agremiação: Concórdia, África, Brasil Atlético. Mas a sugestão aceita por unanimidade foi de Edmundo Jorge de Araújo. No dia 14 de abril de 1912, surgia o Santos Foot-Ball Club.

As cores escolhidas para o time foram azul, branca e dourada. Mas não permaneceram por muito tempo. No dia 31 de março de 1913, por sugestão de Paulo Pellúcio, foram adotadas as cores alvinegras para seu uniforme. O escudo foi criado no mesmo ano. Um globo terrestre com as linhas de latitude e longitude, tendo ao centro um distintivo com dez listras verticais, alternadas em preto e branco, com uma faixa diagonal e as letras SFBC. Ao lado esquerdo superior, havia uma esfera simbolizando a bola de futebol. Por

cima do escudo, uma coroa. A inscrição se tornou SFC em 24 de abril de 1915. Nos anos 30, foi adotado o atual, com listras verticais. Nos anos 60, foram acrescentadas duas estrelas douradas

para marcar a conquista dos campeonatos mundiais.

O primeiro presidente do clube foi Sizino Patusca. Fundador do Clube Americano, em 1903, foi um dos importantes nomes na criação do Santos. Ficou no comando do clube durante um ano. Patusca é um sobrenome de extrema importância para o clube. Um dos primeiros craques foi Ary Patusca. O atacante atuou no time de 1915 a 1923. Participou de 85 jogos e marcou 103 gols. Outro Patusca que marcou seu nome no clube foi Araken. O meia jogou de 1923 a 1929 e de 1935 a 1937. Artilheiro do Campeonato Paulista de 1927, fez 193 gols em 177 jogos.

O Santos teve como primeiro treinador Harold Cross, em 1912. Logo após, no ano de 1913, quem assumiu o time durante anos alternados foi Urbano Caldeira. Sua última participação como técnico foi em 1932.

A primeira apresentação do time ocorreu no dia 23 de junho de 1912, no campo da Villa Macuco. Os jogadores eram Julien Fauvel, Simon, Ari, Bandeira, Ambrósio, Oscar, Bulle, Geraule, Esteves, Fontes e Anacleto Ferramenta. O confronto foi contra um time local e vencido pelo Santos com placar de 2 a 1, com gols de Anacleto Ferramenta e Geraule Ribeiro.

Apenas no dia 15 de setembro de 1912 aconteceu o primeiro jogo oficial. O Santos FC venceu por 3 a 2 o Santos Athletic Club, atual Clube dos Ingleses. O primeiro gol da história do time foi marcado por Arnaldo Silveira, o Miúdo. Os outros dois gols foram feitos pelo próprio Miúdo e por Adolpho Millon Júnior.

A primeira competição disputada pelo clube foi a Liga Paulista de Futebol, no início de 1913. A estréia foi diante do Germânia e o resultado não foi



No primeiro jogo do Mundial de 1963, o Santos foi derrotado por 4 a 2 em Milão. Pelé foi o autor dos dois tentos da equipe santista

positivo. Derrotado por 8 a 1, o time jogou com Durval Damasceno, Sebastião Arante, Sydnei Simonsen, Geraule Ribeiro, Ambrósio Silva, José Pereira da Silva, Adolfo Millon, Nilo Arruda, Anacleto Ferramenta, Harold Cross e Arnaldo Silveira. Somente após três semanas o time conquistou sua primeira vitória em um campeonato. O resultado de 6 a 3 foi contra hoje quem é seu maior rival, o Corinthians. Ainda em 1913, o alvinegro praiano levou para casa seu primeiro título, o Campeonato Santista de Futebol. Foram seis jogos e seis vitórias, com 35 gols marcados.

Vila

Em 1916, foi fundada a “vila mais famosa do mundo”. O estádio Urbano Caldeira, sede do clube e um dos estádios mais

FOTOS REPRODUÇÃO/JULIANA KUCHARUK



Nos anos que seguiram, o time não conseguiu conquistar mais do que campeonatos regionais, como o de campeão da Taça Cidade de Santos e o Taça das Taças. Foram 20 anos sem grandes títulos.

Em 1955, o Santos voltou a conquistar mais um título estadual. A equipe venceu o Taubaté por 2 a 1, sob o comando do técnico Lula. Atuaram os jogadores Manga, Hélvio, Feijó,



REPRODUÇÃO/JULIANA KUCHARUK

Ramiro, Formiga, Urubató, Tite, Negri, Álvaro, Del Vecchio e Pepe.

Rei Pelé

No ano seguinte, chegaria à Vila Belmiro a grande promessa de todos os tempos. Edson Arantes do Nascimento, que, com apenas 15 anos, deu novo impulso à história do Santos.

Filho de Dondinho e Celeste, nascido em 23 de outubro de 1940, Dico, como era conhecido em Três Corações, sua cidade natal no interior de Minas Gerais, sonhava em jogar bola como o pai. Aos quatro anos de idade, sua família mudou-se para São Paulo, onde Dondinho passou a atuar no Bauru Atlético Clube.

Foi na cidade que leva o nome do time onde o pai utuou

O primeiro título memorável do Santos foi o de campeão paulista, em 1935, dois anos após o profissionalismo do futebol no Brasil

que Edson iniciou no mundo do futebol. Em equipes amadoras como Ameriquinha e Baquinho, que conquistou o título de artileiro e o apelido que seria reconhecido mundialmente. Foi no time Baquinho que Valdemar de Brito conheceu Pelé. Anos depois, ele mesmo levou o menino, que tinha apenas 15 anos, para apresentar ao Santos FC. Em 1956, iniciou sua carreira no time caicara. Dez meses depois, defendeu a seleção brasileira em sua primeira partida internacional. Foi o brasileiro mais

jovem a jogar em uma Copa do Mundo e passou a ser chamado pelos franceses de “Rei do Futebol”, tornando-se uma das personalidades mais conhecidas do mundo durante o século XX. Em pouco tempo, foi convidado para jogar na Europa, mas preferiu ficar no Brasil.

O termo “gol de placa” surgiu de um gol marcado por Pelé no Torneio Rio-São Paulo, em 1961. Após driblar vários adversários e marcar o gol, o jornalista Joelmir Beting disse que aquele lance merecia uma placa tamanha a beleza do que Pelé havia feito. Com isso, uma placa de bronze foi colocada na entrada do Maracanã, onde permanece até hoje. Foi em uma partida contra o Fluminense em que o Santos ganhou com o placar de 3 a 1.

Em 1962 e 1963, o Santos conquistou seus primeiros títulos de campeão das Américas e do Mundo. Em 1963, o primeiro jogo da final do bicampeonato aconteceu em Milão, na Itália, no dia 16 de outubro contra o Milan. Os italianos ganharam por 4 a 2, dois gols de Pelé. No jogo de volta, em solo brasileiro, Pelé sofreu uma contusão e não pode jogar. Zito e Calvet também não participaram da partida. Mesmo desfalcado, o Santos revidou o placar, no Maracanã, em 14 de novembro. No segundo tempo, perdendo por 2 gols, Pepe marcou dois. Mengálvio e Lima também deixaram suas marcas. Na terceira partida, ainda desfalcado, o Santos conseguiu vencer com apenas um gol. Almir Pernambuquinho, ainda desfalcado, o Santos conseguiu vencer com apenas um gol. Almir Pernambuquinho, ainda desfalcado, o Santos conseguiu vencer com apenas um gol. Almir Pernambuquinho, ainda desfalcado, o Santos conseguiu vencer com apenas um gol. Almir Pernambuquinho, ainda desfalcado, o Santos conseguiu vencer com apenas um gol. Almir Pernambuquinho, ainda desfalcado, o Santos conseguiu vencer com apenas um gol. Almir Pernambuquinho, ainda desfalcado, o Santos conseguiu vencer com apenas um gol.

O Santos de Pelé fez seu nome no exterior. Formou um ataque memorável: Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe.

Em 1969, um fato lembrado até hoje por todos os santistas que enchem o peito para dizer: “O meu time já parou uma guerra”. Acontecia um conflito na África entre forças de Kinshasa e de Brazaville. A guerra foi suspensa para que o time pudesse transitar de uma fronteira a outra, escoltado por soldados locais até onde seria a partida. O Santos jogou e, ao retornar, foi avisado pelas forças de Kinshasa que, se quisesse deixar a região, também deveria jogar contra uma equipe local. Pelé recebeu inúmeras homenagens e, quando a delegação deixou Kinshasa, a guerra recomeçou.

Na década de 70, após 20 anos defendendo o Santos FC, Pelé embarca para o exterior defendendo a camisa do New York Cosmos. Ficou no time no final de sua carreira, entre os anos de 1975 a 1977.

Foi no Maracanã, dia 18 de julho de 1971, jogo da seleção brasileira contra a Iugoslávia, que o Rei do Futebol se despediu dos campos. Como jogador do Santos, a despedida foi em 1974, jogo contra a Ponte Preta em que o time alvinegro ganhou por 2x0. Já no time americano, New York Cosmos, foi em 1977, onde jogou um tempo em cada equipe, marcando um gol pelo time nova-iorquino que venceu o Santos por 2 a 1. Na sua festa de despedida no exterior, que contou com a partici-



Com o triunfo de 1 a 0 sobre o Milan no Maracanã, no terceiro confronto, o Santos se sagrou bicampeão Mundial. Havia vencido o mesmo torneio no ano anterior, em 1962

pação de Muhammad Ali. Pelé deu seu grito que seria repetido por milhares de pessoas: “Love! Love!”.

Entre os anos de 1995 a 1998, foi ministro dos Esportes do Brasil. Nessa época, aprovou alterações de alguns conceitos da legislação na Lei Zico, que passou receber seu nome. Criticada pelos dirigentes de clubes brasileiros, segue as diretrizes internacionais da Fifa para contratação de jogadores.

Em 2000, ganhou a eleição de melhor jogador do século da Fifa, à frente do argentino Diego Maradona. Em 3 de março de 2004, elaborou-se uma lista contendo os cem melhores jogadores de futebol vivos, denominada Fifa 100. Depois de Pelé, no Brasil e no exterior, a camisa 10 passou a ser vestida pelo melhor jogador do time.

Meninos da Vila

Em 1978, sugiram os Meninos da Vila, apelido dado pela juventude dos atletas da equipe, que conquistou o Campeonato Paulista de 1978. Destacaram-se na época Juary, Pita e Ailton Lira, entre outros. O campeonato estadual foi conquistado pelo clube novamente apenas em 1984. Já em 1997, os santistas ganharam o troféu do Torneio Rio-São Paulo e, em 1998, a Taça Connebol.

O Santos passou por uma fase negativa após a era Pelé. Com dívidas e jejum de títulos, a saída foi contratar jogadores desconhecidos. Sem qualquer alarde, Giovanni foi contratado em 1994. Mesmo em um time limitado, tornou-se um dos maiores ídolos da torcida santista nos anos 90, levando o time ao vice-campeonato brasileiro e paulista em 1995. Além disso, foi artilheiro do Paulistão com 24 gols.

No ano em que completou 90 anos, o Santos conheceu os novos Meninos da Vila, que vira-

ram febre nacional com a dupla Diego e Robinho.

Robson de Souza, o Robinho, assumiu de vez como profissional pelo Santos em 2002, no Torneio Rio-São Paulo. Veio ao auge de sua carreira em 2004, marcando 21 gols em 36 partidas no Brasileiro. O desempenho do atacante atraiu a atenção dos maiores clubes da Europa. Após sua saída do Santos, um dos campos do Centro de Treinamento Meninos da Vila ganhou seu nome. Outra homenagem foi o Centro Esportivo Municipal, em São Vicente.

O meia Diego Ribas da

Em 1962 e 1963, o Santos conquistou seus primeiros títulos de campeão das Américas e do Mundo

Cunha estreou no time em 2001 e, em apenas 27 jogos, marcou 10 gols. No ano seguinte, o camisa 10 colaborou para que a equipe chegasse à final do Brasileiro ao fazer quatro gols em 14 jogos, os quais lhe renderam o prêmio de jogador mais criativo da competição. No Campeonato Brasileiro, sob orientação do técnico Vanderlei Luxemburgo, foi elevado ao posto de capitão da equipe. Em 2004, transferido para o Porto, de Portugal.

No mesmo ano da despedida de Diego, veio o oitavo título brasileiro, com Elano, Leo e Robinho na equipe. O time assumiu a ponta da tabela apenas na penúltima rodada da competição. O jogo da final foi contra



REPRODUÇÃO/JULIANA KUCHARUK

o Vasco e o Santos levou a taça com o placar de 2 a 1.

Já em 2006, a torcida comemorou na Vila Belmiro o Campeonato Paulista após 21 anos sem esse título. O jogo da vitória foi contra a Portuguesa e o placar 2x0. No ano seguinte, o time conquistou mais uma vez o Paulistão. Dessa vez, a decisão foi contra o São Caetano e as partidas aconteceram no Morumbi. No primeiro jogo, o alvinegro perdeu por 2 a 0. Mas, no segundo, devolveu o placar e ficou com o título por ter tido a melhor campanha.

Em 2009, começou a aparecer a terceira geração de Meninos da Vila. Entre os jogadores, destacaram-se o atacante Neymar e o meia Paulo Henrique Ganso.

Neymar da Silva Santos Júnior, nascido em Mogi das Cruzes no dia 5 de fevereiro de 1992,

estreou aos 17 anos no Santos. Pouco mais de uma semana no time, marcou seu primeiro gol em um jogo contra o Mogi Mirim pelo Campeonato Paulista. O time ficou como vice do Paulistão, mas Neymar recebeu o título de revelação do campeonato.

Paulo Henrique Chagas de Lima, Ganso, como é conhecido, é nascido no dia 12 de outubro de 1989 e natural de Ananindeua-PA. Estreou no time em 2008, mas começou a se destacar apenas no ano seguinte, quando marcou seu primeiro gol contra o Guarani, assinando a vitória santista por 3x1. As boas atuações do meia motivaram a diretoria santista a renovar seu contrato, váldo até julho de 2014. No ano de 2010, foi campeão do Paulista e da Copa do Brasil, sendo eleito o craque da competição. Ao lado de Neymar, foi um dos mais assediados do futebol brasileiro nesse ano, chegando à seleção brasileira.

Já em 2010, junto com o

craque Robinho, que retornou ao time emprestado pelo Manchester City, e também a presença de Leo, o time conquistou o Paulistão e a primeira Copa do Brasil de sua história.

Em 2011, Elano retornou ao time ajudando o time conquistar o Paulistão após decisão contra o Corinthians. No primeiro jogo, 0 a 0 no Pacaembu. No segundo, 2 a 1 na Vila Belmiro.

Na sequência, a terceira Taça Libertadores foi conquistada. No elenco do time, Neymar, Ganso, Arouca, Danilo, Elano, Leo, o capitão Edu Dracena e o goleiro Rafael, entre outros. A conquista veio sobre o Peñarol, do Uruguai. Após o placar de 0 a 0, no Centenário de Montevideú, o Peixe venceu por 2 a 1 no Pacaembu, com gols de Neymar e Danilo.

Ainda em 2011, o Santos representou o Brasil no Campeonato Mundial, em Yokohama e Toyota, no Japão. A primeira vitória foi contra o time japonês Kashiwa Reysol, com o placar de 3 a 1. O segundo jogo foi contra o Barcelona, e, após uma campanha admirável, o time não conseguiu vencer os espanhóis, perdendo de 4 a 0.

Apesar da derrota, o time conseguiu se destacar no exterior. O craque da equipe, Neymar, foi o grande destaque. Mais uma vez, convidado para jogar na Europa, optou por renovar seu contrato com o Santos, defendendo o time até 2014. Em uma coletiva, vestindo uma camisa com os dizeres “It’s good to be the king” – “É bom ser o rei”, ele disse que o seu objetivo não é ser o melhor do mundo, e sim disputar os melhores campeonatos. Disse também que está muito feliz no time e na cidade de Santos, agora ainda mais com o seu filho Davi Lucca. “Eu pretendia ficar aqui por muito tempo, e estou ficando”, declarou.

Edição e diagramação: Igor Augusto
PRIMEIRA IMPRESSÃO • Março de 2012

Edição e diagramação: Igor Augusto
PRIMEIRA IMPRESSÃO • Março de 2012



Pagão, Ramiro e Pepe no Torneio de Classificação de 1956

Em pé: Ramiro, Zito, Feijó, Wilson, Manga e Formiga. Agachados: Tite, Jair, Pagão, Del Vecchio e Pepe, time bicampeão em 1955 e 1956



Presidentes que ajudaram a escrever a história do Santos

Marcelo Teixeira e Samir Abdul-Hak, ex-presidentes do Santos Futebol Clube, contam histórias que marcaram suas administrações

GABRIEL SOARES

O Santos Futebol Clube completa no próximo dia 14 de abril 100 anos de história. O clube é considerado um dos maiores do Brasil. Dentre suas principais conquistas estão o bimundial e o tricampeonato da Libertadores da América, conquistado no ano passado. Durante esse século de vida, passaram pelo alvinegro craques como Zito, Pepe e o atleta do século, Pelé. Porém, não são apenas os atletas que trouxeram alegrias e formaram a história do clube. Sem a presença de presidentes profissionais e competentes, nada disso seria possível.

Desde 1912, ano de fundação do clube, mais de 30 presidentes passaram pelo Santos e tentaram de alguma forma deixar sua contribuição nesses 100 anos de história.

Abdul-Hak

Samir Jorge Abdul-Hak, que presidiu o clube de 1994 a 1999, conta que sua paixão pelo time já veio do berço. “Meu pai era santista, acho que já nasci santista”, diz o ex-presidente.

Dentre suas principais contribuições, o ex-presidente aponta a reforma da Vila Belmiro. “O gramado e a iluminação foram reformulados. A instalação do Centro de Treinamento Rei Pelé também foi muito importante”, explica.

Desde 1913, noventa e três títulos ao longo da história

CAIO AUGUSTO

O Santos Futebol Clube tem em seu histórico inúmeros jogadores que marcaram gerações. Porém, um time não é feito somente de estrelas, mas também de conquistas.

Atualmente, o time da Vila tem 92 títulos ao longo de sua história. Alguns são lembrados, outros não, mas sem perder o devido valor.

Dentre todos os títulos, é possível destacar os principais, que são: três Libertadores da América, dois Mundiais Interclubes e oito títulos do Campeonato Brasileiro.

O primeiro caneco erguido pelo clube foi o do Campeonato Santista, disputado em 1913. Nesse torneio participaram, também, os seguintes times: América, Escolástica Rosa e Atlético. O Santos saiu campeão invicto nos seis jogos em que se deu o campeonato, com 35 gols pró e apenas sete contra. Esse mesmo título foi obtido, novamente, em 1917, mas na ocasião o clube jogou com o nome de União FC.

Libertadores

Outra grande conquista foi a de ser o primeiro time brasileiro a ganhar a Copa Libertadores

IVAN BAETA/REPRODUÇÃO



Samir Abdul-Hak, à esquerda, presidiu o Santos de 1994 até 1999. Já Marcelo Teixeira foi presidente do clube em dois mandatos

Abdul-Hak, ao fazer um balanço de sua gestão, garante que seu maior acerto foram os investimentos na base. “O erro foi investir em treinador caro e renomado”, desabafa.

Durante os cinco anos de gestão, muitas histórias interessantes ocorreram, mas ele lembra especialmente de um jogo, em 1998, em Rosário, na Argentina. Na final da Copa Conmebol contra o Rosário Central. “O estádio estava lotado, 55 mil pessoas. Fomos recebidos com muitas pedras e objetos. Não havia condições de entrarmos em campo. Avisei o presidente da Conmebol, Nicolás Leoz, que não entraríamos



em campo, que poderia dar o título ao Rosário, pois não jogaríamos. A partida atrasou por duas horas e meia e só jogamos com a garantia do presidente Leoz. Ganhamos o jogo e fomos campeões. Na entrega das medalhas, o presidente da Conmebol conversou comigo e disse que eu merecia as 12 medalhas”, conta.

O ex-presidente considera um absurdo pagar altos salários. “Cada um ganha o que merece, mas não dá para entender clubes gastarem mais do que arrecadam. O governo também compactua com isso criando a Loteria. Esse dinheiro deveria ser empregado na saúde públi-

ca”, desabafa.

Teixeira
Outro ex-presidente do Santos, Marcelo Teixeira, que presidiu o clube por dois mandatos (1991 até 1993 e 2000 a 2009), cita como jogo mais marcante de sua gestão a vitória em cima do rival Corinthians, em 2002, que sagrou o Santos campeão brasileiro. “O Santos vivia um jejum de títulos, a torcida já estava impaciente. Foi um marco. Além disso, voltamos a disputar a Taça Libertadores da América”, explica Teixeira.

O ex-presidente está animado para o centenário do Santos, pelo menos nas quatro linhas.



Galeria de Troféus na Vila Belmiro: 92 títulos em 100 anos

te especial aos santistas, já que ele foi conquistado no Brasil. A conquista de 1963 aconteceu no estádio do Maracanã, com um público de mais de 130 mil pessoas. A final ocorreu contra o Milan e, no primeiro jogo, em Milão, uma derrota por 4x2. No segundo jogo, no Maracanã, uma vitória pelo mesmo placar: 4x2. No terceiro e último jogo também no Maracanã, uma vitória por 1x0, com um gol de pênalti.

O jornalista Jairo Sérgio de Abreu Campos, que esteve nessa final, fala da tensão e depois da alegria que foi ver o seu time jogar. “Foi uma final bastante tensa, mas, quando saiu o gol de Dalmo Gaspar, a torcida foi à loucura. Faltando cinco minutos para acabar a partida, o estádio inteiro veio a gritar - *é bicampeão, é bicampeão é bicampeão*”.

Campos contou como aconteceu dele parar no Rio de Janeiro, para ver o Santos. “Começou com o meu pai que falou para mim e para o meu irmão que iríamos à cidade, se o time vencesse a segunda partida contra o Milan. O Santos ganhou e fomos para o Rio de Janeiro. Para ir até a cidade maravilhosa pegamos um taxi, já que era mais barato para a época. Ficamos em um hotel no Flamen-

“A expectativa é muito positiva, o time possui Ganso e Neymar. Nenhuma equipe no mundo tem dois jogadores dessa qualidade”, comenta.

Fora de campo, o ex-presidente não está tão entusiasmado. “É preocupante o momento que o clube atravessa. Precisa de investimentos. Na minha gestão, já havíamos até pré-agendado um jogo contra a seleção brasileira para comemorar o 100º aniversário. Hoje, estamos a menos de um mês e falta divulgação. O Santos merecia mais”, lamenta.

A respeito das duas estrelas do Santos, Neymar e Ganso, Teixeira é ainda mais taxativo. “São fora de série. Eles se completam. São criados no clube e têm amor pelo Santos. Ganso teve algumas lesões, que o atrapalharam. Neymar apresentou um amadurecimento muito grande. Daqui a alguns anos, estarão muito acima dos jogadores que foram eleitos o melhor do mundo nos últimos 10 anos”, afirma.

Ao apontar as contribuições dadas por sua administração, Teixeira aponta o resgate da identidade do torcedor com o clube. “Houve uma reestruturação de todos os departamentos, especialmente do futebol profissional. Antes, o clube era administrado de forma amadora. Profissionalizamos o futebol, além de aumentar o patrimônio do clube”, finaliza Teixeira.

THAIGO COSTA

Eles fizeram história no Santos

Além de terem sido bons de bola, os ex-jogadores Zito, Edu, Clodoaldo e Manoel Maria são craques também em contar boas histórias

LUCAS MOURA

“Nascer, viver e no Santos morrer / É um orgulho que nem todos podem ter”. O orgulho de ter vivido e feito sua história no alvinegro praiano eles ostentam como a maior vitória de suas carreiras. E não é para menos, já que são figuras até hoje lembradas pelo futebol majestoso que apresentavam em todos os gramados do mundo.

Edu, Clodoaldo e Manoel Maria demonstraram alegria de terem feito parte dessa história que está completando um século. Todos eles começaram muito jovens no time profissional, principalmente o sorridente Edu, que fez sua estreia profissionalmente aos 15 anos e, aos 16, já estava em uma Copa do Mundo, a de 66.

Apesar da dificuldade que todo garoto enfrenta no começo de carreira, Edu teve bastante ajuda do Rei, que era amigo de sua família e o trouxe para Santos para fazer um teste, aos 14 anos. “Minha irmã falou para o Pelé que eu jogava bem. Então, vim para a Cidade fazer o teste nas férias escolares de 64 e fui bem, mas só vim a jogar aqui mesmo no ano seguinte”, diz. O brilho no olhar ao falar do tempo em que proporcionava à torcida grandes alegrias fica evidente e deixa transparecer a saudade da época de jogador.

Substituir os já consagrados pontas-esquerdas Pepe e Abel não foi fácil. A primeira oportunidade de exibir seu futebol no time profissional foi no jogo contra o Bangu, no Maracanã, em 65. Edu não decepcionou a aposta do técnico Lula e marcou dois gols – o segundo driblando

Mesmo com apenas 17 anos, ele brilhou com a camisa santista. “Foi um orgulho duplo que eu tive. O primeiro de vestir a camisa que foi do Zito por tanto tempo e o outro de ter jogado no Santos ao lado de tantos craques consagrados”, diz. As inúmeras histórias vividas no clube revelam que, além do belo futebol, a convivência nesse grupo fantástico os ensinou muito mais que jogar bola. Todos concordam que Pelé, além da genialidade em campo, tinha a simplicidade de passar sua experiência ao orientar os mais jovens.

Já Manoel Maria chegou ao Santos em 68 para jogar num time que tinha uma base formada por jogadores experien-



Edu fez o seu primeiro jogo profissional aos 15 anos

toda a zaga do Bangu – e cometeu de seleção. Sua chegada foi a cravar seu nome na história do Santos.

Clodoaldo teve uma missão mais difícil ainda, que foi mostrar que podia suprir a aposentadoria de Zito, grande capitão do Santos. A tarefa poderia ser das mais complicadas, porém Corrô – como é conhecido pelos amigos – teve muita ajuda do próprio Zito no começo. Segundo ele, essa experiência deu mais tranqüilidade para apresentar todo seu potencial.



Clodoaldo, conhecido como Corrô, teve a missão de substituir Zito no elenco. Mesmo com 17 anos na sua estreia, conseguiu gravar o nome na história

Brincadeiras

Algumas histórias são lembradas pelas “pérolas” que os próprios jogadores apontavam ora com os mais experientes, ora com os novatos –, mas a amizade é a maior alegria de todos. Edu, por exemplo, lembra das diversas viagens internacionais que fez com o time, principalmente um amistoso em Istambul, na Turquia, contra o Fernabhaçe.

Como de costume, o jogador foi a campo para ver como estava o gramado, o clima do estádio.

“Naquele dia, subi e fiquei na boca do túnel, próximo ao gramado, mas, como o jogo era à noite e a luz não era das melhores, a torcida me confundiu com o Pelé. Como eu não queria decepcionar o público entrei na onda e fui até o meio-de-campo acenar para a torcida, que ficou muito feliz. Quando voltei para o vestiário, o Rei perguntou o que eu tinha feito e começou a rir, pois sabia que eu tinha feito alguma brincadeira”, recorda, com um sorriso.

Não menos engraçada foi a história de Clodoaldo. Ele contou sobre sua primeira viagem internacional com o alvinegro. “Nessa viagem, o pessoal se juntou para me zoar. Como eu viajava pela primeira vez de avião e não sabia que a comida era de graça, o Pelé foi me mostrando um papel que estava em branco e disse que era a conta e que eu tinha que pagar. Como não sabia, dei o dinheiro para pagar”, lembra. Ele mesmo diz que depois foi pagando experiência e não caiu mais nas pegadinhas dos jogadores mais velhos do elenco.

Delegado de Taubaté
Para comandar tantos craques em campo, nada melhor que o craque do delegado. Zito era quem comandava o time em campo e passava todas as orientações do técnico Lula ao pessoal em campo. A chegada dele ao Santos foi uma indicação do então delegado de Taubaté – cidade onde Zito nasceu e começou no futebol – que havia sido transferido para Santos e falou para os diretores do clube, que procuravam na época um jogador com perfil de liderança das diversas viagens internacionais que fez com o time, principalmente um amistoso em Estambul, na Turquia, contra o Fernabhaçe.

Como de costume, o jogador foi a campo para ver como estava o gramado, o clima do estádio. “Naquele dia, subi e fiquei na boca do túnel, próximo ao gramado, mas, como o jogo era à noite e a luz não era das melhores, a torcida me confundiu com o Pelé. Como eu não queria decepcionar o público entrei na onda e fui até o meio-de-campo acenar para a torcida, que ficou muito feliz. Quando voltei para o vestiário, o Rei perguntou o que eu tinha feito e começou a rir, pois sabia que eu tinha feito alguma brincadeira”, recorda, com um sorriso.

Delegado de Taubaté
Para comandar tantos craques em campo, nada melhor que o craque do delegado. Zito era quem comandava o time em campo e passava todas as orientações do técnico Lula ao pessoal em campo. A chegada

dele ao Santos foi uma indicação do então delegado de Taubaté – cidade onde Zito nasceu e começou no futebol – que havia sido transferido para Santos e falou para os diretores do clube, que procuravam na época um jogador com perfil de liderança das diversas viagens internacionais que fez com o time, principalmente um amistoso em Estambul, na Turquia, contra o Fernabhaçe.

Como de costume, o jogador foi a campo para ver como estava o gramado, o clima do estádio. “Naquele dia, subi e fiquei na boca do túnel, próximo ao gramado, mas, como o jogo era à noite e a luz não era das melhores, a torcida me confundiu com o Pelé. Como eu não queria decepcionar o público entrei na onda e fui até o meio-de-campo acenar para a torcida, que ficou muito feliz. Quando voltei para o vestiário, o Rei perguntou o que eu tinha feito e começou a rir, pois sabia que eu tinha feito alguma brincadeira”, recorda, com um sorriso.

Ele tinha carta branca de Lula para comandar o time da melhor forma possível dentro e também fora das quatro linhas. “Sempre ajudava os jogadores quando eles tinham problemas. Se o cara precisava de mais dinheiro ou se estava jogando bem e merecia, eu falava com os diretores para darem um aumento”, diz. Segundo ele, falar com os dirigentes e cobrá-los nunca foi problema algum.

Entre as muitas lembranças de Zito, a maior delas foi o jogo contra o Palmeiras. Naquele jogo depois da ampla vantagem que o alvinegro abriu no primeiro tempo – 5 a 2 – Zito comentou com Pepe a saída para o vestiário: “Hoje vamos golear o Palmeiras, vamos meter dez nelles!”, lembra.

Mas o jogo não foi como ele imaginava, pois o Palmeiras virou o jogo no segundo tempo para 6 a 5. “A gente ficou espantado com a virada do Palmeiras, mas tivemos uma baita sorte. Pois foi nesse jogo que o Pepe fez um gol de cabeça pela primeira vez e ainda um gol de pé direito que não era o bom. Assim, viramos para 7 a 6”, conta.

E Pelé parou a guerra no Congo

A história contada por muitos e veiculada em jornais da época pode até parecer um pouquinho contada pelos mais velhos para valorizar ainda mais a imagem do Rei. Mas engana-se quem não acredita nela.

O fato é que Pelé parou uma guerra civil. Em 1969, o time santista excursionava pela África e fez uma parada em Léopoldville, no Congo belga – atual República Democrática do Congo – para realizar dois jogos amistosos contra o time local.

O ex-ponta-esquerda Edu conta que quando chegaram à cidade, quase no fim da tarde, as luzes das casas estavam todas apagadas. “Quando chegamos ao hotel, perguntei ao receptionista o porquê de as luzes estarem apagadas e ele me respondeu que era para dificultar a visão do inimigo”. Já Clodoaldo lembra como foi a noite antes do jogo. “Fomos dormir preocupados com a situação”, relembra.

Mas, segundo eles, o jogo foi uma grande festa e todos adoraram ver o Rei jogar. “Depois que fomos embora o ‘couro’ voltou a comer na cidade, mas pelo menos demos um pouco de alegria para aquelas pessoas”, diz Edu.

Didi, o cabeleireiro do Rei

Didi é uma figura importante na história do Santos, pois, além dos mais de 50 anos no mesmo ponto em frente à Vila, é a pessoa responsável pelo corte do Rei. Em todos estes anos, ele mantém a mesma dedicação com o corte de todos que vão ao local.

Além do Rei, outros ex-jogadores também vão cortar o cabelo ou fazer a barba com Didi, como são os casos de Zito, Pepe e Mané Maria. Todos elogiam a história de Didi com o Santos, como é o caso do ex-presidente da extinta torcida organizada santista Tusa, Joel. “Esse cara é a verdadeira história do Santos. A diretoria atual deveria investir nele como garoto-propaganda e não no Neymar”, frisa.

Mesmo com isso, Didi continua como sorriso alegre e a mesma disposição de sempre, esperando que o Santos lhe traga cada vez mais alegrias.



Em pé: Feijó, Dalmo, Zito, Fioti, Urubatão, Manga, Laércio, Hélvio e Getúlio. Agachados: Dorval, Hélio, Alvaro, Afonso, Pagão, Guerra, Pelé, Pepe e Macedo (massagista)



Esporte sem preço

Conheça a história de cinco atletas que defenderam o Santos Futebol Clube e não ganharam nada por isso, a não ser a satisfação de jogar

THAÍS MORAES MACEDO

Em um tempo em que jogar futebol proporciona fortunas que podem equivaler a prêmios milionários de loteria, é de espantar saber que já houve épocas em que atletas promoviam gratuitamente os nomes de clubes. Jogavam apenas pelo amor ao esporte. E, ao contrário do que se lembra quando se fala do Santos Futebol Clube, a modalidade em questão não é o futebol e o gênero também não é o masculino.

O ano é 1947. As meninas eram criadas para serem mães e esposas exemplares. Não que isso fosse algo ruim, mas algumas delas queriam ser mais do que isso. Queriam ser esportistas. Foram as primeiras Sereias da Vila.

Na entrada da casa próxima à Vila Belmiro, ao avistar o símbolo no tapetinho da porta, já dá para perceber que ali mora uma torcedora santista. E não podia ser diferente. Laurinda Teixeira Marianni, hoje com 81 anos, dedicou muitos anos de sua vida ao clube. Aos 17 anos, morava em frente ao campo do Santos e sempre acompanhava os pais aos jogos de futebol. Ao saber que havia uma escolinha de basquete feminino, resolveu se inscrever. “A princípio, era uma brincadeira, um lazer”, lembra.

E o esporte era totalmente amador. Não havia incentivo algum, mas sim muita vontade de jogar. Os uniformes eram confeccionados pela mãe de Laurinda, Irene do Couto Teixeira, que também era a diretora da delegação feminina. O pai, José Neves Teixeira, foi administrador do Santos. Por estarem envolvidos diretamente com o clube, Laurinda sempre recebeu incentivo dos pais para a prática esportiva.

A camisa 10 jogou durante quatro anos. “Parei de jogar quando casei, com 22 anos. Mas, em uma ocasião, faltou gente e fui jogar com meu filho de colo. Levei até mamadeira para a quadra”, diverte-se.

Paixão multiplicada

Ruth Pereira de Macedo era uma das moças mais altas da época. Com 1,72 m, a jovem nascida em Cubatão teve o primeiro contato com uma bola de basquete na quadra da fábrica onde seu pai trabalhava, no que seria hoje o Parque Anilinas.

No entanto, quem viu que a menina tinha talento para bola ao cesto foi seu professor de Educação Física, Guaraná, que ministrava as aulas no Colégio Canadá, em Santos. Foi ele quem encaminhou Ruth para o Santos, em 1948.

“Eu sempre gostei muito de vários esportes. Mas escolhi o basquete porque foi a primeira oportunidade que apareceu”, diz, lembrando que escolher ser esportista exigiu alguns gastos e esforços. Era necessário pegar um ônibus de Cubatão ao Centro de Santos e, depois, um



Mono jogou basquete pela equipe santista de 1962 até 1970, ano em que a modalidade profissional foi extinta. Atualmente, é professor

bonde que a levava até a Vila. A condução era paga por seu pai.

Seu primeiro treinador foi Oscar da Silva Musa, avô do atual secretário de Esportes de Santos, Paulo Musa. Com a posição definida, pivô, Ruth passou a se destacar entre as demais jogadoras. Assim como algumas colegas de time, Ruth trabalhava durante o dia e treinava à noite. Quando ocorriam os jogos, era dispensada do trabalho. “Fazíamos esporte por prazer, por amor à camisa”, diz.

Pelo empenho no time do Santos, assim como Laurinda, Ruth também foi para seleção santista, sendo campeã dos Jogos Abertos do Interior, em 1948. No ano seguinte, a jovem cubatense também passou a disputar outra modalidade: o vôlei, modalidade em que atuava como atacante.

“O técnico de voleibol achou que eu tinha jeito para o esporte e me chamou para jogar. Acho que por eu ser uma das atletas mais altas do Santos naquela época”. Quando perguntada qual modalidade preferia, Ruth não tem dúvida: “Eu gostava dos dois. O importante era jogar”.

Ao contrário dos dias de hoje, quando os atletas costumam sofrer lesões, era incomum que os esportistas sofressem algum trauma. A quantidade de treinos era muito menor e os exercícios feitos dentro da quadra. Outra diferença gritante eram os meios de locomoção. Nos campeonatos estaduais, as equipes viajam de trem e passavam longas horas dentro dos vagões antes dos jogos.

Na época, apenas os jogadores de futebol eram encarados como profissionais, já que ganhavam pela prática esportiva. “Outra diferença é que para representar uma cidade, era necessário que o atleta morasse há pelo menos seis meses no município. Eu pude participar porque trabalhava em Santos”.

Ruth também defendeu a seleção brasileira em 1952 e 1954. Em todos esses anos, represento Santos em nove edições dos Jogos Abertos e foi campeã por

seis vezes, entre as duas modalidades. Apesar de não gostar muito de futebol, a atleta veterana tem grandes motivos para não esquecer o Santos. Foi lá que conheceu seu marido Plutão de Macedo, com quem ficou casada por 48 anos e teve dois filhos. Plutão foi seu treinador de 1952 a 1955.

Mudança de hábito

Ruth e Laurinda conheceram-se na juventude e distanciaram-se por circunstâncias da vida. Depois de muito tempo, reencontraram-se. Atualmente, o encontro é feito semanalmente.

A reunião ocorre sempre às quartas-feiras à tarde. Elas e mais um grupo composto de ex-esportistas e não esportistas participam do Coral de Esportistas Veteranos. Os ensaios são realizados no Centro de Memória De Vaney, na Ponta da Praia

Direto de Franca

Outra precursora no esporte e na vida profissional foi Célia Franchini, de 82 anos, também companheira de Ruth e Laurinda no time feminino de basquete do Santos. Nascida em Franca, aos 12 anos, começou a competir no Interior. O talento para o esporte foi descoberto cedo pelo professor de Educação Física.

Assim que terminou o Ensino Médio foi para a Capital estudar Nutrição e acabou jogando no Tietê Clube. Após se formar, em 1950, foi trabalhar no Sesi, em Santos. O diretor da entidade, ao saber que Célia jogava basquete, convidou-a para integrar a equipe do Santos. “Aceitei o convite na hora. Escolhi vir para Santos justamente por causa do esporte”, recorda.

Célia seguiu jogando por quase seis anos, alternando entre a nutrição e o basquete. Na posição de armadora, foi capitã do time e também participante da seleção santista. “Era uma satisfação jogar. Fazia isso com prazer”.

Mono grande

Talvez se não fosse um pé de pitanga, a trajetória de Mono

da por esportistas. Pelé era um excelente aluno e não aceitava regalias”, lembra.

Hoje, com 74 anos, Mono é coordenador de Esportes da UNISANTA, onde já trabalhou como professor de Educação Física, treinador do time de basquete feminino e supervisor do time masculino. Foi Mono também quem criou os Jogos Universitários da UNISANTA, que estão em sua 29ª edição.

Dupla habilidade

Lá pelos seus nove anos, José Oswaldo da Fonseca Marcelino ia com frequência à Vila Belmiro. Mas não era para assistir a uma partida de futebol, assim como os outros meninos faziam. Zé, como era chamado na época, frequentava o lugar porque sua mãe era cozinheira no restaurante do clube. Nesses acompanhamentos, conheceu a escolinha de basquete e, consequentemente, o técnico da equipe, Ayrton José de Araújo.

Com o apelido de Fu Manchú, o treinador, após conhecer Zé, comentou que o menino tinha um estilo de jogo italiano. O Zé saiu da quadra e deu lugar ao Negrelli. “Acho que independente do esporte que escolhi, se eu tivesse treinado outra modalidade, provavelmente, também teria me destacado. O pessoal da minha geração tinha aptidão para o esporte. Nossas habilidades motoras eram muito bem desenvolvidas por causa das brincadeiras na rua”, conta.

Nos anos de 1962, 1963 e 1964, Negrelli foi campeão mirim pelo Santos. E antigamente os campeonatos eram acirrados, pois havia praticamente um clube por bairro. São Vicente e Guarujá também participavam da competição. Entretanto, quem conhece Negrelli sabe que o atleta ganhou fama em outra modalidade: o vôlei. Quando tinha 14 anos, em 1964, o técnico do time adulto do Santos, Roberto Douglas Machado, quis montar uma escolinha de vôlei e começou por convidar os jogadores de basquete.

Um dia faltou gente no time e Mono foi chamado para jogar. Não parou mais. Assim que começou a se destacar nos treinos, mudou para a categoria de base. Na época, treinava descalço e faltou a muitos jogos.

Com 1,93 m, Mono sempre jogou na posição de pivô. Aos 19 anos, foi para São Carlos, onde permaneceu por quatro anos. Em 1962, ao voltar para São Vicente, recebeu o convite do Santos para integrar o time de basquete.

Na época, não recebia salário nem ajuda de custo e dividia o tempo entre as quadras e o trabalho na seção guarda portuário na Companhia Docas de Santos. Lá se juntou a um time formado por novos atletas. “O Santos era o melhor time da Cidade. E o treino já era mais voltado para o profissional”.

Permaneceu no clube até 1970, quanto a equipe terminou. Na seleção santista, jogou até 1974. Após encerrar a carreira como jogador, foi árbitro e se formou na Faculdade de Educação Física de Santos (Fefis). Formou-se com Pelé e Emerson Leão, atual técnico do São Paulo. “Éramos uma classe forma-

da por esportistas. Pelé era um excelente aluno e não aceitava regalias”, lembra.

Hoje, com 74 anos, Mono é coordenador de Esportes da UNISANTA, onde já trabalhou como professor de Educação Física, treinador do time de basquete feminino e supervisor do time masculino. Foi Mono também quem criou os Jogos Universitários da UNISANTA, que estão em sua 29ª edição.

No tempo da “lata de azeite”

Vitor Moran, Orlando José e Walter Dias com seus microfones sem fio dos anos 60 não perdiam uma entrevista

SIMONE MENEGUSSI

Completar cem anos de idade é ter muita história para contar. Falar sobre o Santos Futebol Clube e a época de ouro das emissoras de rádio é reviver uma época de glórias, simplicidade e muito orgulho. Os radialistas contemporâneos do Rei Pelé, Vitor Moran, Orlando José e Walter Dias, com suas memórias afinadíssimas, contam histórias de personagens interessantes e algumas passagens que tiveram a honra de vivenciar.

Vitor Moran

O comentarista esportivo Vitor Moran, nascido no mesmo ano em que Pelé (1940), em Santos, iniciou sua carreira na Rádio Cultura de Santos, em 1959. Apelidado de “peixe agulha”, devido ao seu porte físico, é considerado, pelo apresentador esportivo Milton Neves, o repórter que mais entrevistou o Rei quando integrava a Equipe 1040 da Rádio Tupi, em São Paulo. Moran diz que narrar os jogos do Santos na década de 60 era muito emocionante e o padrão técnico muito melhor.

O radialista, que freqüenta a Vila Belmiro desde quando as arquibancadas eram de madeira, conta que, em 1953, o Santos começou a campanha “Gigante da Vila”, para arrecadar fundos para a construção da arquibancada de concreto e aumento das dependências do estádio. A campanha organizada pela diretoria promovia espetáculos musicais e mantinha um parque de diversões na Avenida Ana Costa.

Naquela época, era comum interromper o jogo devido ao alagamento do campo pela água das chuvas, comenta Moran. O jogo que ficou marcado em sua vida foi uma partida num sábado, à noite, em 1959, na Vila Belmiro, contra o Palmeiras: o placar ficou 7 x 3 para o Santos. “Nesta época, eu era apenas um torcedor”, relembra Moran. “Os dois times eram muito bons, foi um jogo com muitos gols e muita emoção”.

Já como profissional de rádio, Moran conta como foi a emoção que sentiu quando pela primeira vez entrevistou Pelé. “No jogo pela Taça Brasil, Santos e América do Rio, Pelé estava batendo bola no meio do campo e havia sido avisado que deveria dar uma entrevista para a Rádio Cultura, mas eu não sabia. Estava no campo me preparando quando vi o Rei correndo em minha direção”, lembra. “Não estava acreditando no que via. Esta foi a primeira de muitas entrevistas com o simpático e atencioso Pelé”.

Segundo Moran, o time do Santos na década de 60 era muito disciplinado. “Era raro encontrar algum atleta alvinegro nas noites santistas, mas, antecedendo estes jogadores, havia um jogador, o Vasconcelos, que era boêmio, fugia da concentração para ir às boates”, recorda. “Uma vez, durante o Carnaval, ele saiu fantasiado de zeique



Vitor Moran é um dos radialistas mais antigos da Baiçada Santista ainda em atividade. Começou no rádio em 1959, aos 19 anos

árabe pelo bairro do Gonzaga e, quando levantava os braços para saudar seus fãs, aproveitava para dar uma cafungada na manga da camisa umedecida de lança-perfume”, diz Moran, ressaltando que Vasconcelos foi o jogador que perdeu seu lugar no time, devido a uma fratura na perna, para Pelé. Moran continua na ativa na Rádio Cacique. “Sempre temos o que comentar sobre o Santos e, quando não há o que dizer, a gente inventa”, ironiza.

Orlando José

Orlando José, também conhecido como Alemão, é santista nascido em 1940. Iniciou sua profissão de radialista esportivo na Rádio Cultura de Santos em 1960. Diz-se um privilegiado por ter iniciado sua carreira no auge do Rei Pelé. Com uma memória impressionante para datas e nomes, Orlando conta a passagem de uma frustrada estreia na Rádio Atlântica, considerada na década de 50 e 60 o maior meio de comunicação local.

Segundo Orlando, a Rádio Atlântica tinha o nome mais influente da mídia na era pré-televisão. De dez rádios ligados, onze estavam sintonizados no grande narrador santista roxo, Ernâni Franco. Após mal ter iniciado na Rádio Cultura, recebeu um convite para integrar a equipe mais famosa da Cidade na emissora concorrente.

Feliz da vida, ele foi para Vila Belmiro cobrir o jogo entre Santos e Palmeiras, como repórter de campo. O jogo estava 1x1 quando, de repente, o Palmeiras sofreu um pênalti claríssimo que o juiz não marcou. Ernâni Franco, que era torcedor declarado do Peixe, anuncia em alto e bom som que nada havia acontecido e o chama para confirmar. Orlando estava próximo ao lance com seu moderníssimo microfone sem fio, mais conhe-

cido como “lata de azeite”, devido ao seu tamanho avantajado, comandado pela cabine de radialistas.

“Só deu tempo de responder – *Professor, o pênalti é ou não é, e este simplesmente foi!* Até o final da partida, percebi que meu microfone havia sido desligado. No final do jogo, subi até a cabine para saber o que se passava. Ernâni Franco me recebeu e disse que adorava meu trabalho, mas na rádio dele em primeiro lugar estava o Santos e, em segundo, Deus. *Então, para mim, não serve*, disse-lhe, me despedi e voltei para Rádio Cultura”, recorda.

O jogo que ficou marcado em sua vida foi uma partida entre Santos e Benfica, na Vila Belmiro, no começo da década de 60. Um amistoso em que a bola rolou 80 minutos sem parar. O show era estrelado por Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe e o resultado acabou 3x2. “Foi o jogo mais emocionante que já assisti até hoje, do começo ao fim”.

Excursionar com o time do Santos em jogos internacionais era caríssimo, comenta Alemão. “Narrei alguns jogos na América do Sul e um na Europa: Santos e Sevilha, direto da Espanha, em 1980, vitória de 1 x 0, com gol do Rubens Feijão”, conta.

Na era do Santos pós-Pelé, o clube enfrentou dificuldades financeiras, a ponto de não ter dinheiro para comprar uniformes, relembra Orlando. O presidente Rubens Quintas, que assumiu em 1978, não tinha dinheiro em caixa, mas contava com jogadores de base mui-riso bons. Montou um time com os “Meninos da Vila”, também conhecido como “Time Discoteca”, que conquistou o Campeonato Paulista em 1978. Segundo o radialista, o período mais difícil do Santos foi quando foi presidido por um presidente

“são-paulino”, Miguel Assad Macool Filho, e por um “corinthiano”, Manuel dos Santos Sá.

Orlando compara a cobertura jornalística do Santos dos anos 60 com a atual: “Quando os jogos eram realizados no Interior do Estado, todos iam juntos no mesmo ônibus: diretoria, jogadores, radialistas e jornalistas se comunicavam com certa intimidade”, diz, lembrando que algumas entrevistas eram feitas dentro do vestiário, o que hoje não acontece mais. “Atualmente, existe uma guerra sórdida”, declara o radialista. Orlando José atualmente trabalha na TV Santa Cecília no programa *Esporte por Esporte*, como comentarista.

Orlando José atualmente trabalha na TV Santa Cecília no programa *Esporte por Esporte*, como comentarista.

“Quando Pelé tocava na bola, era vaiado pela torcida adversária”, recorda. “Algumas imagens mostram que Pelé aplicou chapéu em quatro adversários, mas, na verdade, foram três”, confirma. “Lembro-me perfeitamente do lance: Coutinho levantou a bola para o Pelé, que chapelou dois zagueiros e o goleiro, sem deixar a bola cair no chão, enchendo o pé e mandando a bola para o gol, golaço”.

Outro lance espetacular, diz,

foi o gol feito por Neymar em 2011, escolhido pela Fifa como o mais bonito do ano. Para o radialista, Neymar tem tudo para ser o sucessor do Rei.

Dias, ao recordar momentos inesquecíveis com o Santos, lembra da maior gafe que cometeu no início da carreira. Naquela época, a comunicação não tinha a facilidade de hoje. “Santos e América, de Rio Preto, no Pacaembu, jogariam às 11 horas da manhã e eu estava tentando contato com o estádio havia uma hora, mas nada de conseguir”, conta. “Faltando 15 minutos para início do jogo, fiquei nervoso e comecei a proferir palavras em alto e bom som. O técnico de som havia ligado o *Projeto Minerva*, programa oficial, no meu retorno e colocou meu microfone no ar. Desculpei-me com a diretoria da Rádio Atlântica e o técnico perdeu o emprego”.

Apesar de viajar, na maioria das vezes, com o time do Santos e se hospedar no mesmo hotel, Dias comenta que nunca misturou o seu lado pessoal com o profissional. “A vida pessoal de dirigentes e jogadores do Santos nunca me interessou”, explica.

Lembrando de momentos internacionais do Santos FC, Dias localiza o jogo da sua vida em 1965, quando passou 21 dias no Chile, acompanhando o fabuloso time. Foi um jogo em que o Santos derrotou a seleção da Tchecoslováquia, antigo estado da Europa Central, por 6 a 4. “Recordo que o Pelé fez três gols, Coutinho dois e o Dorval, um. O estádio Nacional de Santiago lotado gritava o nome do Pelé, foram dez gols e um show de bola”, conta.

Walter Dias está atualmente trabalhando na Rádio Cacique AM 1500, das 17h30 às 19 horas e na TV Com Canal 11 às segundas-feiras, das 12 às 13 horas, no *Radar Esportivo*.



Foi esta equipe que, derrotando a Portuguesa de Desportos, conquistou o título de 1964. Em pé, da esquerda para a direita: Lima, Zito, Haroldo, Ismael, Modesto e Gilmar. Agachados: Toninho, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe



Na vila famosa, o temido alçapão

O estádio Urbano Caldeira foi modernizado, oferece conforto e segurança aos torcedores, mas continua impondo temor aos adversários



FELIPE DOS SANTOS

No dia 14 de abril, o time do Santos Futebol Clube completará 100 anos de uma história de alegrias, tristezas e fortes emoções vividos pela imensa nação do alvinegro praiaano.

Neste importante ano de 2012, o estádio merece ser destacado. Assim como todos os jogadores que fizeram e fazem parte da vida do Peixe, o Alçapão da Vila, também, é um destes importantes personagens.

A Vila Belmiro impressiona por sua estrutura. Hoje, com a capacidade de aproximadamente 18 mil pessoas (por motivos de segurança) o apertado, entretanto confortável estádio está entre os mais belos do Brasil.

Seu gramado lembra um tapete verde junto às placas dos anunciantes que agora invadem e alegram o espetáculo e os cofres do clube.

Os jornalistas se espremem e se empurram para conseguir falar com os atletas. Os repórteres não têm mais vida fácil na “nova Vila Belmiro”. Os homens de preto da Federação Paulista (que fiscalizam o andamento da partida) ficam em cima, não dão folga, exigem que sejam respeitadas as áreas designadas aos jornalistas, o que não acontecia no passado.

O moderno placar eletrônico (inaugurado em 20/8/2009) apresenta a escalação com fotos dos jogadores e os escudos dos clubes ganhando destaques, que outrora eram manuseados, pelo “tio do placar”. Não é apenas a engenhoca de contabilizar os gols que foi modernizada, todo o estádio passou por um traba-



Vila Belmiro em obras: camarotes são modernos e confortáveis

lho de modernização.

O estádio Urbano Caldeira, conhecido como Vila Belmiro, foi construído em 1916. O Alçapão da Vila, como alguns preferem chamá-lo, fica à Rua Princesa Isabel, 77.

Logo após sua fundação, o Peixe realizava seus treinos em um campo situado no bairro do Macuco. Como o gramado não tinha as dimensões oficiais mínimas, seus jogos eram disputados no terreno onde hoje está a Igreja Coração de Maria, à Avenida Ana Costa.

O campo, no entanto, era utilizado por outros clubes da cidade. Em 1915, a situação chegava a um limite, obrigando o clube a rejeitar visitas de clubes internacionais, inclusive.

Para resolver o problema, os dirigentes passaram a procurar terrenos na Cidade. Até



JULIANA KUCHARAK

pois no momento dos gols do Peixe, ele não poderia vibrar junto à galera. Ele precisava subir numa escada de madeira e alterar, manualmente, os números da partida. Isto era feito ritualmente da mesma forma nos dias chuvosos.

Outra novidade na nova Vila Belmiro são os modernos e confortáveis camarotes.

A pressão exercida pelos torcedores que marcavam corpo a corpo e corriqueiramente xingavam, gritavam, cuspiam e arremessavam, até mesmo, xixi, deu lugar às declarações de amor, os beijinhos, os coraçõezinhos que são destinados aos convidados e torcedores, que ocupam esses lugares privilegiados.

Embora sejam abertos para qualquer torcedor, nem sempre os adversários ficam à vontade no setor. A estudante Nicole Sousa de Siqueira disse: “É horrível para quem não torce pelo Santos. Não pode entrar com camisa do outro clube. Sem contar com uma torcedora, histérica, que ficava gritando o nome de um jogador o tempo todo. Pará, Pará, Pará...”, relatou.

Os vestiários do clube ganharam novas dimensões. A parte interna dispõe de espaço amplo para o aquecimento dos jogadores. No vestiário do Peixe, a foto de cada atleta fica estampada, nos respectivos armários. Após a descida do túnel, é possível testemunhar as carinhas de Neymar, Ganso, Borges e Rafael, entre outros.

O estádio Urbano Caldeira é bem diferente fisicamente daquela Vila Belmiro de 1916, quando tudo começou. Mas nunca deixou de ser o famoso alçapão.

A profissão não era fácil, pois no momento dos gols do Peixe, ele não poderia vibrar junto à galera. Ele precisava subir numa escada de madeira e alterar, manualmente, os números da partida. Isto era feito ritualmente da mesma forma nos dias chuvosos.

Outra novidade na nova Vila Belmiro são os modernos e confortáveis camarotes.

A pressão exercida pelos torcedores que marcavam corpo a corpo e corriqueiramente xingavam, gritavam, cuspiam e arremessavam, até mesmo, xixi, deu lugar às declarações de amor, os beijinhos, os coraçõezinhos que são destinados aos convidados e torcedores, que ocupam esses lugares privilegiados.

Embora sejam abertos para qualquer torcedor, nem sempre os adversários ficam à vontade no setor. A estudante Nicole Sousa de Siqueira disse: “É horrível para quem não torce pelo Santos. Não pode entrar com camisa do outro clube. Sem contar com uma torcedora, histérica, que ficava gritando o nome de um jogador o tempo todo. Pará, Pará, Pará...”, relatou.

Os vestiários do clube ganharam novas dimensões. A parte interna dispõe de espaço amplo para o aquecimento dos jogadores. No vestiário do Peixe, a foto de cada atleta fica estampada, nos respectivos armários. Após a descida do túnel, é possível testemunhar as carinhas de Neymar, Ganso, Borges e Rafael, entre outros.

O estádio Urbano Caldeira é bem diferente fisicamente daquela Vila Belmiro de 1916, quando tudo começou. Mas nunca deixou de ser o famoso alçapão.

A profissão não era fácil, pois no momento dos gols do Peixe, ele não poderia vibrar junto à galera. Ele precisava subir numa escada de madeira e alterar, manualmente, os números da partida. Isto era feito ritualmente da mesma forma nos dias chuvosos.

Outra novidade na nova Vila Belmiro são os modernos e confortáveis camarotes.

A pressão exercida pelos torcedores que marcavam corpo a corpo e corriqueiramente xingavam, gritavam, cuspiam e arremessavam, até mesmo, xixi, deu lugar às declarações de amor, os beijinhos, os coraçõezinhos que são destinados aos convidados e torcedores, que ocupam esses lugares privilegiados.

Embora sejam abertos para qualquer torcedor, nem sempre os adversários ficam à vontade no setor. A estudante Nicole Sousa de Siqueira disse: “É horrível para quem não torce pelo Santos. Não pode entrar com camisa do outro clube. Sem contar com uma torcedora, histérica, que ficava gritando o nome de um jogador o tempo todo. Pará, Pará, Pará...”, relatou.



LUCIANO AGEMIRO



A pressão exercida pelos torcedores que marcavam corpo a corpo e corriqueiramente xingavam, gritavam, cuspiam e arremessavam, até mesmo, xixi, deu lugar às declarações de amor, os beijinhos, os coraçõezinhos que são destinados aos convidados e torcedores, que ocupam esses lugares privilegiados.

Embora sejam abertos para qualquer torcedor, nem sempre os adversários ficam à vontade no setor. A estudante Nicole Sousa de Siqueira disse: “É horrível para quem não torce pelo Santos. Não pode entrar com camisa do outro clube. Sem contar com uma torcedora, histérica, que ficava gritando o nome de um jogador o tempo todo. Pará, Pará, Pará...”, relatou.

Os vestiários do clube ganharam novas dimensões. A parte interna dispõe de espaço amplo para o aquecimento dos jogadores. No vestiário do Peixe, a foto de cada atleta fica estampada, nos respectivos armários. Após a descida do túnel, é possível testemunhar as carinhas de Neymar, Ganso, Borges e Rafael, entre outros.

O estádio Urbano Caldeira é bem diferente fisicamente daquela Vila Belmiro de 1916, quando tudo começou. Mas nunca deixou de ser o famoso alçapão.

A profissão não era fácil,



Memorial das Conquistas: espaço recebe cada vez mais visitantes

próximo da Vila Belmiro. Mas, dessa vez, levou os pais Regina e Manuel, que vieram da cidade de Braga, em Portugal. “Para mim é emocionante rever essas imagens. Não importa qual time você torça, Pelé sempre será inesquecível”.

De fato, quem visita o Memorial das Conquistas do Santos Futebol Clube acaba gostando, independente de ser torcedor do Santos. O museu oferece visitas comuns (com acesso às dependências do museu e ao CineGol), que acontecem diariamente das 9 às 18 horas. Há também visitas monitoradas que são realiza-



pois no momento dos gols do Peixe, ele não poderia vibrar junto à galera. Ele precisava subir numa escada de madeira e alterar, manualmente, os números da partida. Isto era feito ritualmente da mesma forma nos dias chuvosos.

Outra novidade na nova Vila Belmiro são os modernos e confortáveis camarotes.

A pressão exercida pelos torcedores que marcavam corpo a corpo e corriqueiramente xingavam, gritavam, cuspiam e arremessavam, até mesmo, xixi, deu lugar às declarações de amor, os beijinhos, os coraçõezinhos que são destinados aos convidados e torcedores, que ocupam esses lugares privilegiados.

Embora sejam abertos para qualquer torcedor, nem sempre os adversários ficam à vontade no setor. A estudante Nicole Sousa de Siqueira disse: “É horrível para quem não torce pelo Santos. Não pode entrar com camisa do outro clube. Sem contar com uma torcedora, histérica, que ficava gritando o nome de um jogador o tempo todo. Pará, Pará, Pará...”, relatou.

Os vestiários do clube ganharam novas dimensões. A parte interna dispõe de espaço amplo para o aquecimento dos jogadores. No vestiário do Peixe, a foto de cada atleta fica estampada, nos respectivos armários. Após a descida do túnel, é possível testemunhar as carinhas de Neymar, Ganso, Borges e Rafael, entre outros.

O estádio Urbano Caldeira é bem diferente fisicamente daquela Vila Belmiro de 1916, quando tudo começou. Mas nunca deixou de ser o famoso alçapão.

A profissão não era fácil,

Investimento na base é essencial

Estrutura criada pelo Santos enche os olhos do visitante



Inaugurado em 2005 para abrigar os treinos dos jogadores do Santos Futebol Clube, o complexo Modesto Roma, onde está localizado o Centro de Treinamento Rei Pelé, pode ser comparado a uma “ilha particular”, criada apenas para o elenco santista. As principais atrações incluem hotel, centro de recuperação, academia de última geração e muitos mimos. Para relaxar durante a concentração, videogame e jogos de bilhar. Antes de ir para cama, um lanche segura o estômago até o dia seguinte. Os jogadores só precisam se preocupar com o campo e a bola, para o resto, a equipe tem tudo preparado.

São três campos com medidas diferentes, quadra de futevôlei, com areia de praia, montada para os jogadores se divertirem e relaxarem a musculatura após os treinos e piscina para recuperação física. No hotel, com 29 suítes, há todo o conforto para os jogadores. A estrutura conta, ainda, com piscina, lavanderia, rouparia e administração. O complexo também disponibiliza sala de imprensa, com internet e equipamentos de rádio.

No hotel Recanto dos Alvinegros, principal atração do CT, os jogadores são acomodados em ambiente de concentração



Centro de Treinamento: pronto para receber seleção durante a Copa

utilizado antes das partidas em qualquer cidade onde vão jogar. Todas as suítes são duplas e contam com televisores, internet, ar-condicionado, frigobar, banheiro e armário. O curioso é que algumas delas têm camas de solteiro e de casal.

Segundo o gerente do CT, William Corrêa, o elenco segue uma espécie de hierarquia em que o jogador novato divide o quarto com um colega mais experiente. “Acaba funcionando como motivação para o atleta explorar mais sua capacidade”. As estrelas Neymar e Ganso dividem a suíte 22, onde



está colada uma foto da dupla tirada no início da atuação no clube.

O hotel ainda abriga área de lazer, com mesas de bilhar, TVs preparadas para videogames, anfiteatro, cozinha industrial e refeitório, onde os jogadores tomam café, almoçam, jantam e ainda fazem lanche no período da tarde e antes de dormir. As refeições são planejadas pela nutricionista Sandra Merouço. Quando o time viaja, leva junto um cardápio e orientações da especialista para que ninguém não fuja à dieta. “Todo o cuidado é necessário para não termos

problemas com a equipe”, explicou Corrêa.

Recuperação
Em operação desde janeiro de 2007, o Centro de Excelência em Prevenção e Recuperação de Atletas do Futebol é muito mais que uma academia. Com aparelhos de última geração e equipamentos inéditos no Brasil, a função do local é recuperar os jogadores lesionados ou capacitar fisicamente os que atuam no time.

De acordo com o preparador físico Fernando Fernandes, responsável pelo local, é ali que os atletas suam a camisa fora de campo. São salas de fisioterapia, musculação, fisiologia e a sala de dinamometria isocinética, usada para reforçar a musculatura dos atletas. “É aqui que vêm parar os jogadores que deixam o departamento médico ou os novos atletas, antes de se integrar ao elenco”. O Centro foi o local onde o jogador Paulo Henrique Ganso treinou para se recuperar uma lesão em 2011.

Na chamada área funcional, na parte externa da academia, um simulador de corrida está instalado ao lado de uma raia de grama artificial, onde o jogador executa movimentos de força e logo depois corre no gramado, simulando os embates de campo. “Aqui é um departamento de futebol profissional, voltado ao time profissional”, explica Fernandes

O preparador físico afirma que o grupo não dá muito trabalho, pois os jogadores não são preguiçosos e atualmente a cabeça deles está voltada para os treinos. “O atleta não é apenas um jogador de futebol. Hoje,

ele ganha para trabalhar e sabe que tem que se dedicar a isso.” O treinador jura que Neymar não dá trabalho durante as aulas, explicando que, ao longo dos seis anos que trabalha com a estrela, conheceu o potencial do craque e já aprendeu como ele gosta de trabalhar. “Claro que se der a opção de escolher entre academia e a bola, todos os jogadores preferem a bola. Mas sabem que estamos aqui à disposição para contribuir com o desempenho profissional deles”, explica.

Capela
Para atender também às necessidades religiosas dos jogadores, o CT abriga uma capela ecumênica. No altar, Jesus Cristo não está crucificado e não há referências a qualquer santo. Na mesa, diversos tipos de livros religiosos. “Tentamos criar algo que pudesse atender a diversas religiões”, lembra o gerente.

Copa do Mundo
Dos 33 municípios paulistas candidatos à subsele na Copa de 2014, Santos é uma das fortes concorrentes. O hotel do Santos é um dos principais itens da lista santista de atrações. O prefeito da Cidade, João Paulo Tavares Papa, anunciou que vai realizar campanhas pró-Copa, inclusive abrindo discussão sobre o assunto nas escolas do município.

“O grande legado vai ficar para a população, pois teremos investimentos de R\$ 5,5 bilhões em vários setores, como a implementação do Veículo Leve sobre Trilhos, (VLT), o Museu Pelé e a revitalização da área do Valongo”, diz o prefeito.

O jogador Vitor Hugo Camargo, atacante da categoria sub-20, afirma que, no fim do ano passado, sofreu uma grave lesão no joelho, mas se recupera e busca o seu espaço na equipe. “O Santos é um clube que tem toda a estrutura para a formação de grandes jogadores e profissionais muito bons para isso. Espero que, no ano que vem, eu possa ter uma oportunidade no time principal”, diz.

Lima explica que o próprio jogador mostra quando está preparado para jogar no elenco principal. “Quando aparece a chance, eles precisam agarrar; caso contrário, vão patinar no mesmo lugar sempre”, diz. Preocupados com o futuro, segundo

de várias maneiras até obter a posição ideal para os jogos.
O Santos disponibiliza 75 alojamentos para os garotos que residem no Interior de São Paulo e em outros Estados. “Muitos vêm de longe para entrar no Santos e sonham com a mesma oportunidade que tiveram Neymar, Diego e Robinho”, completa Abel Verônico. Segundo ele, quando os atletas passam a morar no clube, estudam, recebem reforço escolar, alimentação e acompanhamento de psicólogos e assistentes sociais.

Domínio de bola, passe, movimento e noção de marcação, segundo Lima, são fundamentos presentes nos treinos do clube santista e essenciais para o jogador no futebol. “Nunca podemos nos esquecer da idade do garoto, pois ele vai pegando as coisas de acordo com a sua evolução”, diz. “O que ensinamos para um menino de 15 anos não podemos passar para um de 10 anos”.

Segundo o coordenador técnico, não há clube que nos últimos 40 anos tenha revelado mais jogadores que o Santos. Robinho, Diego, Paulo Henrique Ganso, Neymar, Alan Patrick e Breitner passaram pelas equipes de base do clube santista, conquistaram um espaço no time principal e são conhecidos em diversos lugares do Brasil, alguns até fora do País.

problemas com a equipe”, explicou Corrêa.

Recuperação
Em operação desde janeiro de 2007, o Centro de Excelência em Prevenção e Recuperação de Atletas do Futebol é muito mais que uma academia. Com aparelhos de última geração e equipamentos inéditos no Brasil, a função do local é recuperar os jogadores lesionados ou capacitar fisicamente os que atuam no time.

De acordo com o preparador físico Fernando Fernandes, responsável pelo local, é ali que os atletas suam a camisa fora de campo. São salas de fisioterapia, musculação, fisiologia e a sala de dinamometria isocinética, usada para reforçar a musculatura dos atletas. “É aqui que vêm parar os jogadores que deixam o departamento médico ou os novos atletas, antes de se integrar ao elenco”. O Centro foi o local onde o jogador Paulo Henrique Ganso treinou para se recuperar uma lesão em 2011.

Na chamada área funcional, na parte externa da academia, um simulador de corrida está instalado ao lado de uma raia de grama artificial, onde o jogador executa movimentos de força e logo depois corre no gramado, simulando os embates de campo. “Aqui é um departamento de futebol profissional, voltado ao time profissional”, explica Fernandes

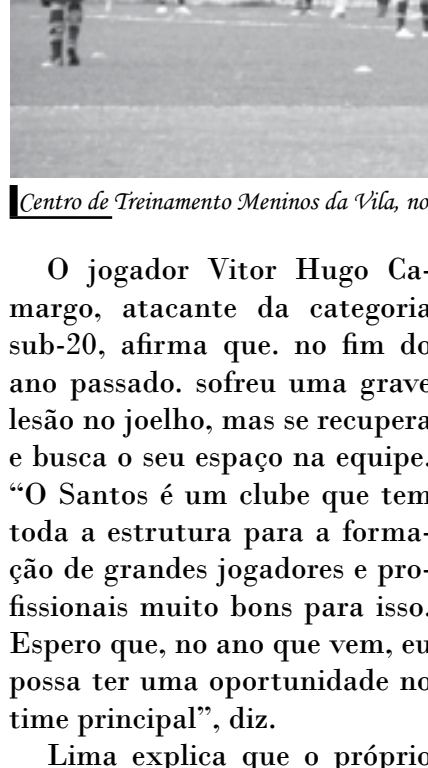
O preparador físico afirma que o grupo não dá muito trabalho, pois os jogadores não são preguiçosos e atualmente a cabeça deles está voltada para os treinos. “O atleta não é apenas um jogador de futebol. Hoje,

ele ganha para trabalhar e sabe que tem que se dedicar a isso.” O treinador jura que Neymar não dá trabalho durante as aulas, explicando que, ao longo dos seis anos que trabalha com a estrela, conheceu o potencial do craque e já aprendeu como ele gosta de trabalhar. “Claro que se der a opção de escolher entre academia e a bola, todos os jogadores preferem a bola. Mas sabem que estamos aqui à disposição para contribuir com o desempenho profissional deles”, explica.

Capela
Para atender também às necessidades religiosas dos jogadores, o CT abriga uma capela ecumênica. No altar, Jesus Cristo não está crucificado e não há referências a qualquer santo. Na mesa, diversos tipos de livros religiosos. “Tentamos criar algo que pudesse atender a diversas religiões”, lembra o gerente.

Copa do Mundo
Dos 33 municípios paulistas candidatos à subsele na Copa de 2014, Santos é uma das fortes concorrentes. O hotel do Santos é um dos principais itens da lista santista de atrações. O prefeito da Cidade, João Paulo Tavares Papa, anunciou que vai realizar campanhas pró-Copa, inclusive abrindo discussão sobre o assunto nas escolas do município.

“O grande legado vai ficar para a população, pois teremos investimentos de R\$ 5,5 bilhões em vários setores, como a implementação do Veículo Leve sobre Trilhos, (VLT), o Museu Pelé e a revitalização da área do Valongo”, diz o prefeito.



O jogador Vitor Hugo Camargo, atacante da categoria sub-20, afirma que, no fim do ano passado, sofreu uma grave lesão no joelho, mas se recupera e busca o seu espaço na equipe. “O Santos é um clube que tem toda a estrutura para a formação de grandes jogadores e profissionais muito bons para isso. Espero que, no ano que vem, eu possa ter uma oportunidade no time principal”, diz.

Lima explica que o próprio jogador mostra quando está preparado para jogar no elenco principal. “Quando aparece a chance, eles precisam agarrar; caso contrário, vão patinar no mesmo lugar sempre”, diz. Preocupados com o futuro, segundo

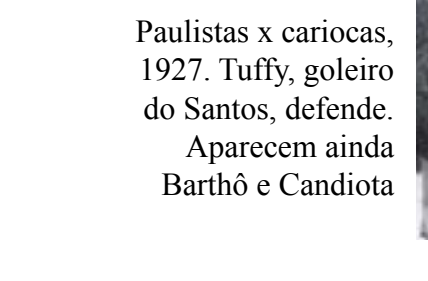
de várias maneiras até obter a posição ideal para os jogos.
O Santos disponibiliza 75 alojamentos para os garotos que residem no Interior de São Paulo e em outros Estados. “Muitos vêm de longe para entrar no Santos e sonham com a mesma oportunidade que tiveram Neymar, Diego e Robinho”, completa Abel Verônico. Segundo ele, quando os atletas passam a morar no clube, estudam, recebem reforço escolar, alimentação e acompanhamento de psicólogos e assistentes sociais.

Domínio de bola, passe, movimento e noção de marcação, segundo Lima, são fundamentos presentes nos treinos do clube santista e essenciais para o jogador no futebol. “Nunca podemos nos esquecer da idade do garoto, pois ele vai pegando as coisas de acordo com a sua evolução”, diz. “O que ensinamos para um menino de 15 anos não podemos passar para um de 10 anos”.

Segundo o coordenador técnico, não há clube que nos últimos 40 anos tenha revelado mais jogadores que o Santos. Robinho, Diego, Paulo Henrique Ganso, Neymar, Alan Patrick e Breitner passaram pelas equipes de base do clube santista, conquistaram um espaço no time principal e são conhecidos em diversos lugares do Brasil, alguns até fora do País.



Paulistas x cariocas, 1927. Tuffy, goleiro do Santos, defende. Aparecem ainda Barthô e Candiota



Paulistas x cariocas, 1927. Tuffy, goleiro do Santos, defende. Aparecem ainda Barthô e Candiota



Santos desiste do futsal e do futebol feminino

Apesar das modalidades terem conquistado títulos importantes para o clube, o fim foi inevitável, segundo o presidente

TÁSSIA MARTINS

O Santos Futebol Clube atravessa um momento ímpar em sua história dentro e fora de campo. O time de futebol masculino é destaque a todo momento com os craques Neymar e Ganso e elenco entrosado. Mas o que abalou a Vila Belmiro, recentemente, foi o fim dos times de futsal masculino e futebol feminino.

O planejamento do Santos de reunir Falcão e Marta no ano do centenário fracassou, desde o início do ano. O motivo alegado foi a falta de patrocinadores, mas, para a ex-zagueira Alline Calandrine, faltou também vontade dos dirigentes para manter as “Sereias da Vila”, como eram conhecidas as atletas.

Alline lamentou o fim do time. “Acho que a estrutura que o Santos ofereceu para nós não existia em nenhum time de futebol feminino. Muitos sonhos ficaram pelo caminho; por isso, é triste. Fora isso, é uma regressão para a modalidade”, diz.

O clube arriscou e reformulou o futsal masculino, contratando grandes nomes e contando com a participação de patrocinadores de peso. A empresa Cortiana bancou o projeto. No entanto, em agosto de 2011, deixou de estampar sua marca e os custos ficaram por conta do Santos. O jogador Falcão foi a estrela que comandou o time no projeto do futsal, conquistando a Liga Nacional e mantendo o título de melhor jogador brasileiro.

Na despedida oficial do jogador através do Twitter, o carinho pela torcida foi ressaltado. “Bola para a frente, a vida continua. Obrigado, nação santis-



A ex-zagueira santista Alline Calandrine acredita que, além da ausência de patrocinadores, também faltou empenho dos dirigentes para manter a equipe feminina de futebol

ta, continuarei como um grande torcedor e sei que as portas estarão sempre abertas. Saio com a sensação total de dever cumprido, de ter ajudado a montar um time vencedor com uma camisa vencedora”, postou.

O presidente Luis Álvaro de Oliveira Ribeiro justifica o fim de ambas as modalidades. “O maior objetivo do centenário do Santos é viabilizar o clube por mais 100 anos, sem sofrer danos financeiros. Para isso, algumas decisões foram inevitáveis. Entre elas, a extinção do futebol feminino e do futsal masculino”.

Os amadores da Vila

CAROLINE LEME

O Santos têm muito mais do que futebol para mostrar. Diversos esportes são praticados na Vila Belmiro, desde lutas, artes marciais até esportes paraolímpicos

Atrás do grande time de futebol do Santos, existem outros esportes que estão longe de ser coadjuvantes. Entre os que envolvem a bola está o futsal, que, ano passado, destacou-se por trazer o melhor jogador do mundo por duas vezes consecutivas, Falcão, para seu elenco, além de revelar grandes nomes dos gramados como Neymar, Robinho e Alan Patrick. O futebol de mesa também faz parte do departamento amador santista.

O tênis de mesa é um grande parceiro do Santos, desde 2003. Conquistou nesse período quatro Campeonatos Brasileiros (2003, 2004, 2007 e 2008), diversos Paulistas e mantém a posição de quem conquistou mais títulos nos Jogos Abertos do Interior nos últimos 13 anos. O Santos retomou o vôlei em

Mas não é nenhuma novidade que a prioridade seja destacar o time de campo masculino. Afinal, ele movimentava a economia do clube e enche os cofres santistas. Para a atual gestão, os outros esportes farão parte do clube somente se forem totalmente autossustentáveis. As modalidades extintas geraram gastos de cerca de R\$ 7 milhões em 2011.

No argumento da diretoria santista, a ausência da mídia e órgãos públicos contribuiu para o término das modalidades. “No caso do futebol feminino, enquanto não houver condições

de calendário e transmissão de jogos no Brasil, nenhum clube de massa vai ter condições de manter um time forte, como nós mantínhamos. E, no caso do futsal, os times brasileiros se sustentam, em boa parte, com a ajuda do poder público”, justifica o presidente.

Relação conturbada

Em meio ao término de contratos, a relação entre o Santos e alguns jogadores foi conturbada, como, por exemplo, com o jogador Falcão que questionou o pagamento da multa rescisória. Luis Alvaro explica que é

2010, com as equipes feminina e masculina. O esporte paraolímpico também tem destaque no Peixe. O goalball, um jogo em que deficientes visuais arremessam uma bola sonora com as mãos para o gol do adversário, tornou o Santos o primeiro clube de futebol do Brasil a ter uma equipe de esporte paraolímpico. As artes marciais são tradicionais também no time da Vila: desde 1968, o judô faz parte do departamento de esportes amadores. No ano passado, o judoca Bruno Mendonça conquistou a medalha de ouro no Panamericano de Guadalajara. Desde 1982, o caratê também integra a modalidade de lutas e o taekwondo é uma das mais fortes equipes brasileiras com uma coleção de medalhas.

Santos Tsunami

A principal novidade do Santos é o futebol americano, esporte ainda pouco conhecido no Brasil. O Santos Tsunami foi fundado em 2005, mas integra o clube santista desde 2010, sendo formado por 60 atletas. O

natural os atletas ficarem chateados pela não continuidade do projeto, o que “é compreensível”.

Mas, segundo o presidente, a realidade é que todos se valorizaram bastante com a temporada no Santos e assinaram contratos superiores aos que estavam acostumados a assinar. “Ou seja, a passagem foi benéfica para os atletas”, diz.

Questionado sobre a possibilidade de retorno dos times, o dirigente é direto: “No momento não existe nenhum projeto para a volta de ambas modalidades”.



Santoss Tsunami: único time de futebol americano na Baixada Santista

pré-determinados. O jogador middle linebacker, que seria a defesa do time, Caito Vicentini, diz que joga apenas por amor ao esporte, pois há ainda muito que aprimorar. “Morei três anos nos Estados Unidos para fazer pós-graduação e joguei pela Universidade de Los Angeles”, diz. “O nível aqui no Brasil ainda é muito baixo, mas o esporte está caminhando muito rápido; por isso, logo teremos um maior reconhecimento”, acredita o jogador, que, por enquanto, concilia os jogos com o trabalho para bancos de investimento no mercado financeiro.

Nos filmes e séries norte-

natural os atletas ficarem chateados pela não continuidade do projeto, o que “é compreensível”.

Mas, segundo o presidente, a realidade é que todos se valorizaram bastante com a temporada no Santos e assinaram contratos superiores aos que estavam acostumados a assinar. “Ou seja, a passagem foi benéfica para os atletas”, diz.

Questionado sobre a possibilidade de retorno dos times, o dirigente é direto: “No momento não existe nenhum projeto para a volta de ambas modalidades”.



-americanas, os jogadores costumam ser muito grandes e fortes, mas, para o técnico Rodrigo Galvão, força nem sempre significa bom resultado. “O futebol americano é muito técnico, não exige apenas físico, mas também estratégia e jogadas”, diz. “Apesar de ser um jogo coletivo, diz. “O nível aqui no Brasil ainda é muito baixo, mas o esporte está caminhando muito rápido; por isso, logo teremos um maior reconhecimento”, acredita o jogador, que, por enquanto, concilia os jogos com o trabalho para bancos de investimento no mercado financeiro.

O Tsunami treina duas vezes por semana no campo de pouso de asa delta em São Vicente e aos domingos no Portuários.



1937. Ataque do Santos: Sacy, Zé Carlos, Otávio, Gradin e Ítalo

Tríplice coroa só mesmo no Santos

Pelé, Robinho e Neymar formam o trio de maiores ídolos do Santos Futebol Clube nos últimos 50 anos

RAFAEL MOREIRA

Em 2010, a equipe santista que encantou o País contava com os dois maiores ídolos depois de Pelé: Robinho e Neymar. O primeiro com certa bagagem em seu futebol, agora não tão “moleque” como na época em que foi lançado; e o segundo com notoriedade e fama desde seus 13 anos por seus dribles e gols espantosamente criativos. No auge, ambos foram comparados ao melhor jogador de todos os tempos.

Elano, que jogou com Robinho e joga com Neymar atualmente, disse que a maior diferença entre os dois é a finalização. “Hoje, se você reparar, o Robinho é impecável nesse quesito. Mas, quando tinha a idade que Neymar tem hoje, ele não finalizava tão bem quanto o Ney”.

Já Emerson Leão, que treinou o Rei das Pedaladas desde que ele subiu à equipe profissional do Santos, foi direto: “O Robinho é um belíssimo jogador, mas o Neymar... é gênio!”.

Sobre Pelé, a grande maioria nem cogita a hipótese de o Rei perder a coroa para um deles, afirmando que Pelé era um jogador completo, beirando à perfeição.

Coincidências

A história dos três craques foi marcada por uma incrível coincidência. Quando Robinho estava na equipe júnior do Santos, Pelé era uma figura sempre presente na Vila Belmiro. Em uma de suas entrevistas durante os treinamentos, Pelé falou sobre um de seus pupilos, apontando para Robinho. Na entrevista, profetizou o que, para muitos, se tratava apenas de um mero exagero: “Esse garoto vai ser um craque de seleção brasileira”. Estaria o Rei passando sua coroa? O fim da história, todos já sabem: oito pedaladas em final de campeonato, parceria memorável com Diego, camisa 10 do Real Madrid e titular da seleção brasileira na Copa do Mundo de 2010, realizada na África.

E quando Neymar surgiu, adivinhe quem o “apadrinhou”? Robinho! O “Rei das Pedaladas” apareceu a jogos da então promessa santista, tirando fotos e acompanhando sua carreira de perto. A credibilidade de Neymar era tanta que seu “padrinho” o convidou para o jogo festivo denominado Amigos de Robinho x Amigos de Carlos Alberto. E entre atletas renomados como Roberto Carlos, Denílson e os próprios Carlos Alberto e Robinho, a jovem promessa saiu do banco de reservas no fim do jogo, mas quem disse que ele precisava de mais tempo para mostrar a que veio?

Em um lance rápido, típico de contra-ataque, Ney recebeu bola dentro da área com extremo clareza para chutar, sem ninguém à sua frente. Quando



Neymar e Robinho, apesar de gerações diferentes, atuaram juntos no Santos que encantou o Brasil com um futebol ofensivo em 2010

percebeu a chegada de um zagueiro, o craque trocou o arremate e a certeza do gol por um corte que deixou o zagueiro deitado. A conclusão do lance se resumiu a um arremate com o pé ruim, o esquerdo, com tanta eficácia e frieza que relembrou gols de Ronaldo, Romário e outros do mesmo nível e com bastante experiência.

No resumo, ele trocou um gol certo pela incerteza de um gol de gênio. Mais do que seus pais, familiares e torcedores, quem deve ter se entusiasmado com o golaço é seu empresário, Wagner Ribeiro, que também admira a carreira de Robinho. Na época, Ribeiro negociava uma transferência precoce do jovem ao milionário Real Madrid, onde Robinho jogava.

Início arrasador

Pelé foi mais precoce ainda. Estreou no time profissional do Santos com 15 anos, chegou à seleção canarinho aos 16 e ganhou sua primeira Copa do Mundo aos 17. Tudo isso antes de chegar à maturidade. A técnica de Pelé e sua capacidade atlética natural foram universalmente elogiadas e ele ficou famoso por sua excelente habilidade de drible e passe, seu ritmo, chute poderoso, excepcional habilidade de cabecear, e artilharia com mais de 1200 gols.

Robinho participou da segunda geração dos Meninos da Vila, pois o Santos não tinha capital financeiro para fazer grandes contratações e decidiu apostar na base. O técnico da época, Emerson Leão, lembrou a primeira vez que viu Robinho treinando. “Pô, me mandaram um cara magricelo e de canela fininha, fininha. E ainda disseram que o cara era bom”, comentou ele em entrevista concedida a Milton Neves, da Rádio Bandeirantes. Leão disse que não sabia o que faria com um atleta cujo porte físico não justificava sua profissão. Contudo, tal dúvida não durou

muito tempo.

Lançado por Celso Roth, Robinho participava de um grupo desprovido de credibilidade. Muitos jogadores, como Elano e Willian, estavam “brigados” com a torcida; enquanto o restante era totalmente desconhecido pelos torcedores e pela mídia. Disposto a ganhar o respeito de outros times e dos próprios santistas, a equipe treinada por Emerson Leão disputou lugar entre os oito que se classificariam para a próxima fase do Campeonato Brasileiro de 2002 e acabou se garantindo na fase eliminatória na última rodada, em oitavo. A partir daí, Robinho começou a brilhar pelo futebol e pela dupla maravilhosa que formou com o meia e camisa 10 Diego. Até então, o meio-campista era considerado o melhor jogador do time, mas foi só se machucar com dois minutos de jogo da grande final do Brasileiro, contra o Corinthians, para Robinho comprovar o oposto.

Já Neymar estreou no time profissional sob os olhares do mundo todo. Era muita expectativa em relação ao garoto. Estreou nos 15 minutos finais de uma partida em que o Santos vencia sem grandes esforços. Com dois jogos, virou titular trajando a mística camisa 7 que herdou de Robinho.

Lampejos de Bad Boy

Há pelo menos dez anos, tornou-se comum craques revelados precocemente deixarem o sucesso subir à cabeça. Com Robinho, isso aconteceu em dois momentos. Em 2003, mesmo recém-campeão brasileiro, ele prestígio o banco de reservas durante vários jogos por esbanjar vaidade em campo. O castigo partiu de Emerson Leão, pois o camisa 7 só pensava em Pedalar e fazer jogadas de efeito, sem apresentar objetividade. Foi considerado “jogador mascarado”.

O “puxão de orelha” não du-

rou muito tempo, mas fez efeito.

Tomou a derrota na final da Libertadores como lição e ganhou um pouco mais de responsabilidade, voltando a ser efetivo nas partidas e retomando o posto de titular, vencendo mais uma vez o Campeonato Brasileiro do ano seguinte como melhor jogador do torneio.

Já Neymar, após ser campeão paulista e da Copa do Brasil como melhor jogador e artilheiro, respectivamente, recusou uma proposta de 40 milhões de dólares feita pelo Chelsea, da Inglaterra, e renovou seu contrato por cinco anos. Entretanto, comentaristas esportivos cogitaram a hipótese de o craque ter se arrependido. Era a única justificativa que encontravam, além da que o sucesso subiu à cabeça, para tentar explicar suas atitudes posteriores à renovação contratual.

Quando a Pelé, não há registros de atos indisciplinares em sua história. O máximo que o Rei fez foi revidar algumas pancadas que levava durante cada jogo. Eram sempre cotoveladas, puxões, além das faltas rotineiras.

Títulos

Pelé é detentor de todos os títulos possíveis pelo alvinegro, sendo artilheiro e melhor jogador na grande maioria das vezes. Os títulos mais importantes de sua carreira foram o bi da Taça Libertadores e do Mundial, conquistados consecutivamente em 1962 e 1963.

Robinho foi bicampeão brasileiro em 2002 e 2004 e campeão paulista e da Copa do Brasil em 2010. Neymar foi bicampeão Paulista em 2011 e 2010, quando foi eleito o melhor jogador do torneio, e campeão da Libertadores de 2011.

Seleção

Pelé foi convocado pela primeira vez aos 16 anos de idade. A estréia foi no maior clássico da América do Sul: Brasil x Ar-

gentina. A seleção perdeu por 2 a 1. Pelé fez o gol. Hoje, Pelé é o maior artilheiro da história da seleção brasileira e o único futebolista do mundo a vencer por três vezes a Copa do Mundo (1958, 1962 e 1970). Foi eleito o Atleta do Século XX pela revista *France Football*.

Robinho foi convocado em 2004, após sucessivos apelos de torcidas de todo o País, logo depois de fazer uma partida excepcional na goleada do Santos por 5 a 1 diante do Paraná Clube, na Vila Belmiro. O técnico da seleção brasileira na época, Carlos Alberto Parreira, levou-o para o jogo Brasil x Bolívia, válido pelas Eliminatórias da Copa do Mundo de 2006. O jogo, realizado no Brasil, ficou marcado pelo clamor da torcida que compareceu ao estádio e gritou o nome do craque, pedindo sua entrada em campo. Apesar do “pedido-quase-exigência”, Parreira não cedeu e Robinho apenas assistiu à partida do banco de reservas.

O craque só ganhou espaço quando Ronaldo pediu para não jogar a Copa das Confederações de 2005 e o Rei das Pedaladas assumiu o ataque titular da seleção ao lado de Adriano. Na estréia em competições oficiais pela seleção, Robinho marcou um dos gols nos 3 a 0 sobre a então campeã europeia, a Grécia. O camisa 7 voltaria a marcar no terceiro jogo, quando fez um dos gols do Brasil no empate com o Japão. Nesta competição, Robinho se firmou de vez no elenco de Parreira.

As belíssimas atuações de Neymar em 2010 fizeram com que o País inteiro se mobilizasse para que o craque fosse convocado para a Copa do Mundo daquele ano, mesmo sem ter disputado partida alguma pela seleção brasileira. Seria sua primeira convocação, mas Dunga não hesitou em deixá-lo de fora da lista, o que provocou a indignação de grande parte dos torcedores. Quando o Brasil caiu diante da Holanda durante a segunda fase da Copa, a ausência do craque foi apontada como um dos motivos da eliminação e Dunga demitido.

Mano Menezes não quis cometer o mesmo erro e convocou quatro atletas do Santos de uma vez, incluindo Neymar e Robinho (que retornou à Vila Belmiro naquele ano). A “jóia santista” abriu o placar de cabeça e ajudou a seleção a vencer os EUA por 2 a 0. Sua brilhante atuação rendeu manchete nos principais jornais esportivos do mundo.

A respeito da chamada tríplice coroa santista, representada pelos três ídolos dos últimos 50 anos, chega-se à conclusão que Pelé é praticamente uma unanimidade, incomparável.

Quando a Robinho e Neymar, não há que se discutir quem é melhor. Como dizem vários santistas, o melhor mesmo é vê-los juntos, como aconteceu em 2010.



1937. Ataque do Santos: Sacy, Zé Carlos, Otávio, Gradin e Ítalo



Os meninos dos próximos 100 anos

O Santos aposta em sua tradição e investe pesado na formação de “pratas da casa”

GUILHERME UCHOA

Pensar em Santos Futebol Clube é necessariamente pensar em futebol jovem, espontâneo e bonito. É quase uma filosofia, um mantra, que acompanha o clube, no mínimo, desde 1978, quando surgiram os “Meninos da Vila”. Esse nome é carinhosamente conferido a todos os garotos que chegam à equipe profissional, vindos das categorias de base. Desse meninos, espera-se sempre o melhor do futebol ofensivo.

Entretanto, as primeiras gerações dos “meninos da Vila” surgiram quase por acaso. No final da década de 1970, o time da Baixada passava por um período de fracos resultados, após perder suas principais peças do grande elenco de 60, liderado por Pelé. Carente de jogadores de alto nível, o então técnico Chico Formiga acrescentou jovens jogadores provenientes da base: Juary e Pita. Eles, liderados pelo veterano Clodoaldo, conquistaram o Campeonato Paulista de 1978. A partir de então, ficaram conhecidos como “Meninos da Vila”.

A segunda geração veio para encerrar um jejum incômodo. O Santos estava há 18 anos sem conquistar um título de expressão, quando Diego (17 anos) e Robinho (18 anos) - acompanhados de outros atletas de 20 a 23 anos (Alex, Elano, Renato, entre outros) - foram trazidos para o elenco profissional pelas mãos de Emerson Leão, para surpreender a todos com irre-



IVAN BAETA

Luiz Fernando Moraes revela que o clube gasta cerca de R\$ 10 milhões por ano com as categorias de base

verência e futebol habilidoso. O que era uma medida desesperada pela falta de verba para contratações deu resultado. O elenco de jovens ganhou o Campeonato Brasileiro de 2002.

Para evitar que esses momentos fiquem restringidos a lampejos de boa sorte, o clube investe pesado em suas divisões de base. “O trabalho de base do Santos é referência no Brasil. Temos investido muito na contratação de novos profissionais. Por ano, são R\$ 10 milhões de gastos em todas as categorias”, garante o gerente de futebol de

base do clube, Luiz Fernando Moraes.

O gerente destaca os serviços oferecidos aos 240 atletas que o clube possui – divididos nas categorias pré-mirim, mirim, infantil, juvenil e júnior. “Todos, a partir do sub-11, recebem ajuda de custo de R\$ 150,00 a R\$ 300,00. Temos aulas de reforço escolar, alojamento para os garotos de fora, assistente social e psicóloga”, enumera.

A psicóloga citada por Luiz Fernando é Juliane Jellmayer Fechio, que desenvolve um trabalho especialmente direciona-

do para esportistas. “Acompanho jogos e treinos e, quando observo algo, converso rapidamente com o garoto no campo ou entre o vestiário e o ônibus. É uma técnica rápida e objetiva. Se não resolver, vamos para uma sala, onde faço um atendimento mais demorado”, explica Juliane. Essa técnica é usada com garotos como Jubal e Geuvânio.

Jubal Rocha Mendes Junior, de 18 anos, e Geuvânio Santos Silva, de 19 anos, chegaram ao Santos de maneiras distintas. O primeiro veio de Goiás – onde

chegou a atuar na equipe profissional da Vila Nova – com 17 anos e, desde então, tem sido aproveitado no time sub-20. O zagueiro marcou três gols na última edição da Copa São Paulo de Futebol Júnior – principal torneio brasileiro da categoria.

Já Geuvânio é de Ilhas das Flores, em Sergipe, mas jogava no Jabaquara. “Comecei no Jabaquara com 13 anos e, no Paulista de 2008, fiz um belo jogo contra o Santos, marquei gol e os dirigentes ficaram interessados em mim”, conta.

Apesar de começos diferentes, a dupla concorda em um aspecto: a estrutura do Santos é determinante para formação de bons jogadores. “O Santos revela muitos jogadores pela estrutura e pela tradição que tem”, opina Jubal. “A estrutura ajuda a fazer um trabalho bem feito”, corrobora Geuvânio.

Dentro da estrutura citada está o Centro de Treinamentos Meninos da Vila. Inaugurado no dia 7 de agosto de 2006, este centro possui dois campos. O dinheiro gasto neste centro deu resultados. A terceira geração, de Neymar e Ganso, foi criada neste CT e começou a despontar em 2009.

Desde então, o clube conquistou quatro títulos, sempre com participação decisiva da dupla e outros garotos como Alan Patrick, Alex Sandro, Felipe Anderson e Rafael. Em 2011, por exemplo, 49 dos 123 gols santistas marcados na temporada (39,8%) vieram dos pés de atletas formados na base.

Santos volta a investir no vôlei

KARINA CARNEIRO

Em uma cidade onde o futebol é a paixão do torcedor, o Santos Futebol Clube conseguiu encontrar uma maneira de aproximar seus torcedores fanáticos de outros esportes. A diretoria encontrou nos chamados “esportes amadores” outra forma de investir e despertar também o interesse desses torcedores. E, entre eles, o vôlei volta a surgir no cenário santista de forma competitiva nas categorias de base.

O clube sempre teve escolas voltadas para o esporte. Porém, a partir de 2010, resolveu voltar a investir nas categorias infantil e infantil-juvenil. Hoje, o Santos consegue fazer frente a grandes clubes da Capital, conhecidos no mundo do vôlei como especialistas em formar atletas profissionais. Apesar do pouco tempo de projeto, o investimento já vem dando frutos.

Masculino

Os resultados com o time masculino infantil-juvenil (atletas de até 18 anos) apareceram logo no início de sua criação, em 2011. A equipe, formada atualmente por 12 jogadores e cinco membros da comissão técnica, enfrentou dificuldades em seu primeiro campeonato, disputado no ano passado com o time infantil-juvenil. Os Jogos da Juventude serviram como

ânimo e inspiração para todos.

O técnico do time, Carlos Mantovanelli, explica um pouco a trajetória do time até a conquista: “Nós sempre desejamos ganhar os Jogos da Juventude, pois o Santos nunca havia conseguido passar da primeira fase. Começamos o campeonato com apenas oito jogadores, contratando ao longo da temporada. Conseguimos o primeiro lugar do campeonato invictos. Ganhar na final do BMG/São Bernardo, que possui tradição por ser formador de atletas, motivou a equipe inteira”, conta.

Além da vitória nos Jogos da Juventude de 2011, a equipe masculina infantil-juvenil também chegou a ficar em primeiro lugar na série prata (quinto lugar em classificação geral) do Campeonato Paulista de Vôlei.

Porém, mesmo com os resultados positivos da temporada de 2011, o clube não conseguiu seguir seu time de base. Muitos dos atletas que integraram a equipe foram contratados por outros clubes e, para 2012, apenas quatro remanescentes permaneceram na Cidade. A equipe está em fase preparatória para o Campeonato Paulista, que começa em abril, e já conta com 12 atletas.

Para Mantovanelli, além de títulos e premiações, o investimento que começou a ser feito no esporte é bom para a Cidade e para os atletas. “Além de títulos, nossa

preocupação está em formar bons atletas. Queremos dar a eles a oportunidade de sonhar com uma seleção brasileira. E, além de tudo isso, conseguimos manter a tradição do vôlei na Cidade”.

Aproveitando os atletas que já estão atingindo a maioridade e não podem mais integrar a equipe infantil-juvenil, a partir de 2012, haverá o início da categoria adulta para esses atletas não ficarem sem treino ou sem clube “A nossa importância é a formação do atleta e, já que trabalhamos com eles desde a base, tentaremos começar um novo projeto”, conta Mantovanelli.

Os jogadores encontram no time um motivo de união e realização de sonhos. Aurélio Pedrão é um dos remanescentes do time de 2011 e, ao lembrar-se das dificuldades encontradas no início, analisa hoje que o grupo se fortaleceu ainda mais. “Quando tudo parecia dar errado, deu certo. Arranjamos uma quadra para treinar, conseguimos mais jogadores e ganhamos de equipes muito fortes. Espero que este ano seja igual ou melhor. Temos capacidade e tenho certeza que podemos chegar lá”.

Feminino

O vôlei feminino retornou à cidade de Santos em 2010, quando a Prefeitura e o Santos Futebol Clube decidiram retomar o trabalho de base. Em 2011, o time con-



THAIGO COSTA

Em 2010, o Santos passou a investir mais nas categorias de base de vôlei

seguiu a melhor classificação do Campeonato Paulista, o terceiro lugar da série Prata (sétimo lugar na classificação geral).

Leonardo Portaleoni é o técnico dos times infantil e infantil-juvenil desde 2010. Portaleoni assumiu o comando do time assim que voltou de uma experiência como técnico na Suíça.

Os treinos e preparação física são todos administrados no ginásio de futsal do Tênis Clube. A equipe treina de cinco a seis vezes por semana intercalando os treinos com bola e a musculação. A comissão técnica é formada pelo técnico, uma assistente, um preparador físico e um fisioterapeuta.

Como forma de investimento

Lançamento da pedra fundamental da construção do estádio Urbano Cadeira. Palavra do presidente Athiê Jorge Coury



Museu Pelé: mais um gol de placa

A obra está sendo construída no bairro do Valongo e tem previsão para ser entregue até o final deste ano

RICHARD DURANTE

Quando se fala de Santos Futebol Clube imediatamente vem à cabeça a imagem do Rei do Futebol. O camisa 10 mais conhecido em todo o mundo e que recebeu o apelido de Pelé, na verdade, chama-se Edson Arantes do Nascimento e é um homem que dedicou grande parte de sua vida a honrar a camisa branca do clube da Vila Belmiro. Foram mais de mil gols, 1091 bolas nas redes adversárias com a camisa do Santos e muitas jogadas e lances geniais e inesquecíveis.

Agora, imagine reviver parte disso tudo que integra estes primeiros 100 anos do clube. Sim, isso será possível. O Museu Pelé já está com suas obras em andamento no centro histórico da cidade de Santos. Trata-se de um projeto de revitalização da área do Valongo e, para chamar a atenção de milhares de turistas de todo o mundo, nada melhor do que ter um museu do Rei do Futebol. Além do acervo pessoal, o espaço contará com filmes, fotos, troféus, materiais impressos e prêmios ganhos pelo Atlético do Século (eleito em 1981 por uma revista francesa) ao longo de sua carreira.

O secretário de Planejamento

de Santos, Bechara Abdalla Pestana Neves, está bastante otimista com o sucesso da obra. “Para a Cidade, o Museu Pelé significará levar o nome dela a todos os lugares, homenagear o maior atleta do século e alavancar ainda mais a economia do município e da região”, disse.

Neves acredita que a visibilidade do Rei Pelé vai atrair muitos benefícios para a região. “Há uma estimativa de que o Museu receba cerca de 100 mil pessoas por ano. A localização é um atrativo à parte, pois o centro de Santos respira história e cultura”, acrescentou.

Andamento das obras

O prédio onde será construído o Museu Pelé estava abandonado desde 1992 quando um incêndio destruiu grande parte do interior do imóvel, onde funcionava um hotel. As obras foram iniciadas em 2010 e deverão estar concluídas até o final deste ano como uma homenagem ao centenário do Santos.

Estaqueamentos, fundações e restauro das paredes remanescentes (paredes antigas) já foram concluídos. Na fachada, 30% das alvenarias foram reconstruídas, enquanto o levantamento da estrutura (pilares, vigas e lajes) está com 80%

concluído. Já foi executado um terço das portas e janelas que serão instaladas nas fachadas. No momento estão sendo executadas a estrutura do auditório e a montagem das formas da última laje. Os trabalhos de alvenaria das fachadas prosseguem. Finalizadas essas etapas, os prédios serão cobertos e, a partir desse ponto, iniciam-se as instalações elétrica, hidráulica, ar condicionado, elevadores e acabamentos.

O museu terá três blocos, interligados, com recursos plenos de acessibilidade e possuirá espaços para acervos e exposições temporárias e fixas, além de loja, cafeteria, sanitários e salas administrativas. As paredes remanescentes do casarão, que foi a sede da Prefeitura e Câmara Municipal no início do século passado, serão totalmente restauradas e o projeto interno receberá o que há de mais moderno. Tudo o que for histórico está sendo preservado e recuperado.

A estimativa é de que o custo total do projeto gire em torno de R\$ 23 milhões e boa parte virá de grandes empresas que estão patrocinando a obra. O projeto do Museu Pelé, elaborado pela Prefeitura de Santos e viabilizado com a cessão do imóvel pelo Governo do Estado, foi aprovado pelo Ministério da Cultura



IVAN BAETA

Museu Pelé está com obras em andamento no centro histórico santista. Previsão é para 2012

para receber incentivos fiscais por meio da Lei Rouanet.

Marca internacional

Para a ex-secretária de Turismo de Santos, Wânia Seixas, tanto o clube como a Cidade só tem a ganhar com este espaço cultural no município. “O Pelé é uma marca internacional, outras cidades e até países tentaram levar o museu, mas o ideal seria que ele fosse construído aqui, na cidade em que tudo aconteceu. Quando o Museu Pelé começar a funcionar, a cidade de Santos

entrará de vez na lista de roteiros internacionais”.

Desde a despedida de Pelé do Santos, que ocorreu em 1974, na Vila Belmiro contra a Ponte Preta, muitas histórias passam pela cabeça, principalmente dos mais jovens, que não tiveram a oportunidade de ver de perto suas belas jogadas. Agora, com a criação do museu, tudo ficará eternizado e os gols, as jogadas, os lances, tudo poderá ser compartilhado com as próximas gerações. É mais um gol de placa do Santos e de Pelé.

Um time de craques também na literatura

ELIZABETH SOARES

Existem diversas maneiras de defender o time do coração. Alguns batem no peito durante uma discussão acalorada, em dia de jogo decisivo. Outros passam a vida suando a camisa, batalhando uma vaga para entrar em campo e virar o próximo melhor jogador do seu clube.

Mas existe uma forma diferente de vestir a camisa e jogar pelo time do peito. Também requer paixão, suor e sonho. Escrever sobre o nascimento de um clube, seus personagens marcantes e sua torcida, é uma bela maneira de homenageá-lo. E defendê-lo.

José Roberto Torero, autor de *Santos: dicionário santista* (Ediouro, 2005) e *Santos: um time dos céus* (Realejo, 1998/2007), ataca com uma escrita irreverente. Em tom apaixonado e divertido, o jornalista confessa que certas críticas ao seu trabalho fazem a adrenalina subir. “Como todos os escritores, acho as críticas positivas muito corretas e as negativas coisas de analfabeto”. Torero tem como inspiração para seus textos sobre o clube a década de 60. “Foram anos em que os sonhos pareciam tímidos em comparação com a realidade”, diz.

No campo dos planos, esquemática sua comemoração entrada da área. Seu posicionamento já está definido: a Vila Belmiro, no dia 15 de abril, para celebrar o centenário, segundo ele, com uma bela vitória sobre o Catanduvense, na última rodada do Paulistão.

JULIANA KUCHARUK



Gabriel Pierin escreveu sobre o Santos logo após a conquista do Brasileiro em 2004. Torero, à direita, se inspira no time de 1960



IVAN BAETA/REPRODUÇÃO

O escritor passa a bola para outro artista da caneta. Torero fez o prefácio do livro *Santos Foot-Ball Club: o nascimento de um gigante – a história da fundação* (Realejo Edições, 2011), de Gabriel Davi Pierin, que decidiu escrever sobre o Santos logo após a conquista do Campeonato Brasileiro, em 2004. O então estudante de História fez seu trabalho de conclusão de curso sobre o surgimento do clube.

Tanta atenção para não embolar o meio de campo, resultou em um golaço: seu livro foi reconhecido pelo Santos como literatura oficial do clube. Ao abrir o placar, Gabriel Pierin corre para o fundo do campo. Parte para o abraço e agradece a um colaborador que fez a diferença na hora de trabalhar sua grande jogada: a pesquisa. Guilherme Guarche, coordenador do Centro de Memória e Estatística do Santos Futebol Clube, esbanjando entrosamento, fez tabela com Pierin nesta viagem ao passado alvinegro.

Autor dos livros *O Alvinegro Mais Famoso do Mundo*, *O Melhor dos Séculos nas Américas*, *O Alvinegro da Vila Belmiro: a era*

ensato, ponderado, pois a paixão nunca pode estar acima da verdade”, afirma. Ainda assim, ele já foi alvo de críticas por ser considerado “muito santista”.

O homem do jogo

Todos esses escritores possuem em comum mais do que talento e paixão pelo Santos. Eles têm o mesmo precursor. Alguém que, como um bom treinador, merece ter copiado os exemplos que deixou enquanto esteve em campo. Adriano Neiva da Mota e Silva, o De Vaney, fez com as palavras o que só os verdadeiros craques conseguem fazer.

Autor de vários livros, um deles sobre o Santos (*Album de Ouro*), e de um volume considerável de crônicas esportivas, feitas ao longo de seis décadas de dedicação ao jornalismo, De Vaney ganhou todos os 34 concursos literários de que participou. Por estas e outras proezas, foi chamado de “o poeta da crônica esportiva brasileira”.

Entre suas obras, a mais polêmica, sem dúvida, é *A verdade sobre Pelé: as fantasias, os exageros, o mito e a história de um desertor*. Publicado pela editora Ypiranga em 1975, seu intento - sendo oito já publicados e quatro a serem lançados neste ano do centenário -, o escritor diz ter um trabalho apaixonante. “O Santos tem uma história fascinante que a cada dia é incorporada de novos capítulos”, diz.

Essa paixão nem sempre ajuda Cunha, principalmente

quando é necessário o sangue-frio de um goleiro numa disputa por pênaltis para escrever. “No livro preciso ser mais

Edição e diagramação: Mariana Serra PRIMEIRA IMPRESSÃO • Março de 2012

15

14

Edição e diagramação: Mariana Serra PRIMEIRA IMPRESSÃO • Março de 2012

Recepção apoteótica à chegada dos craques santistas após vitoriosa excursão ao Norte do País, em 1947





Arquivo Pessoal

Thiago Costa



Juliana Kochanik



TIME BICAMPEÃO DO MUNDO

Fm pel: Nenezinho, Didi, Lima, Lameiro, Gilson e Assis. Agilidades: Dorval, Marinho, Carlos, Alvo, Fyfe e Nenezinho (reservista)

Reprodução Juliana Kochanik

100

**A de paixão
N de conquistas
O de orgulho
S de glórias**
Santos Futebol Clube.

Juliana Kochanik



Juliana Kochanik



Arquivo Pessoal

Arquivo Pessoal

Arquivo Pessoal